

CADERNO DE PILOTAGEM

Equipas de Jovens de Nossa Senhora



Este caderno pertence ao equipista (nome):

Que faz parte da equipa (número):

as reuniões são em casa do casal (nomes):

que vivem (morada):

os queridos pilotos são (nomes):

Por isso, caso tenha encontrado este caderno por favor devolva-o! Pois é o meu primeiro caderno, de muitos, das EJNS!

OBRIGADO!!

Querido Pilotando!

Este vai ser, esperamos, o primeiro de muitos Cadernos de Temas que te vão passar pelas mãos. Neste primeiro ano de Equipa, ao qual chamamos Pilotagem, vais ser acompanhado por dois Pilotos, que no fundo são dois equipistas mais velhos no movimento. Aproveita-os, deixa-te ser ensinado por eles sobre a forma de viveres o movimento e não tenhas medo de procurar neles dois novos amigos. Vão, certamente, se assim quiseres tornar-se daqueles amigos que ficam porque foram quem primeiro te acolheu e te fez sentir bem-vindo. Vão tornar-se os teus irmãos mais velhos nas equipas, quem te puxa para dares mais, quem te diz pára, ouve, vem... aproveita bem a sua presença e amizade! Os Pilotos podem ajudar-te muito pelo seu testemunho de equipistas. Não serão perfeitos – ninguém é! – mas como equipistas mais velhos podem dar-te um bom testemunho de vivência nas Equipas.

Este caderno vai servir-te de guia para os temas de cada reunião. Verás que não são temas difíceis nem demasiado complicados. Na pilotagem, um dos principais objetivos das reuniões é que a Equipa se conheça e vá ganhando intimidade, garantindo ao mesmo tempo um crescimento no conhecimento de alguns temas básicos da Igreja e do próprio ser humano e das suas relações com os outros.

É um caminho exigente o que te queremos propor neste primeiro ano. O desafio passa por aproveitares este tempo de pilotagem para te conheceres melhor a ti, ao movimento e à tua Igreja. O que queremos é que comeces aqui um verdadeiro caminho de amizade com Jesus. E que o faças acompanhado da tua equipa, do teu movimento, dos teus amigos. Porque é fazendo caminho com os outros que a Santidade se torna possível.

Força e alegria para este caminho, querido Pilotando porque agora... És um equipista!

Secretariado Nacional 2019-2021

Índice

09

BEM-VINDO ÀS
EQUIPAS

13

O CARISMA DAS
EJNS

21

JESUS DE
NAZARÉ

27

ORAÇÃO

35

NOSSA
SENHORA

42

A FAMÍLIA

49

BALANÇO



56

JOVENS, O
AGORA DE DEUS

63

O PERDÃO

71

A EUCHARISTIA

82

O NATAL

89

A AMIZADE

96

VIVER EM
COMPROMISO

106

A VOCAÇÃO

117

NAMORO

125

A IGREJA COMO
MÃE

134

A ALEGRIA É O
FRUTO DA CRUZ

142

BALANÇO FINAL

1

Pilotagem: é um período em que os novos membros fazem a aprendizagem da vida em equipa e das características do Movimento. Durante o tempo de pilotagem, geralmente com duração de um ano, os novos membros são introduzidos no espírito e modo de vida do Movimento com a ajuda de dois equipistas mais antigos. Ao fim do tempo da pilotagem o grupo está preparado para assumir o compromisso e tornar-se finalmente uma equipa de jovens de Nossa Senhora.

1

Pilotos: os novos membros são introduzidos ao espírito e modo de vida do Movimento com a ajuda de dois equipistas mais antigos. Estas duas pessoas, chamados "pilotos" ou "par piloto", geralmente um rapaz e uma rapariga da mesma equipa ou de equipas diferentes, começam por orientar a reunião mensal e ao longo do tempo vão deixando que os jovens, o casal e o padre em pilotagem assumam a animação da reunião.

2

Responsável da equipa: tem uma missão com um âmbito restrito no Movimento, pois reflete-se essencialmente na vida da própria equipa, apesar do constante contacto com o Secretariado. Contribui para a unidade e para a diversidade do Movimento pois, por um lado, ele faz a ligação e transmite informação que contribui para que a sua equipa funcione em sintonia com todas as outras (unidade); por outro lado, transmite as experiências, as ideias e o modo de funcionamento da sua própria equipa, que podem enriquecer a caminhada de outras equipas, incluindo a de secretariado (diversidade).

4

Assistente Espiritual: O conselheiro é para a equipa um testemunho de vida consagrada a Deus, um estímulo ao aperfeiçoamento dos 4 tempos da reunião e uma ligação mais pessoal dos jovens à Igreja.

3

Casal Assistente: Geralmente pertencente às Equipas de Nossa Senhora, é para a equipa um sinal e um testemunho de fidelidade vivida com Deus, de vida espiritual partilhada e de compromisso como leigos no mundo. O casal assistente acolhe a Equipa na intimidade da sua realidade familiar, sendo um sinal para as Equipas de Jovens daquilo que é uma família cristã, nos seus desafios e alegrias, esta é uma das maiores riquezas do movimento.

Partilha: A partilha é “um momento essencial em que, na presença de Deus e numa atitude de confiança fraternal, cada um tenta fazer o balanço dos acontecimentos mais significativos da sua vida pessoal: dificuldades e esforços, alegrias e esperanças em todos os domínios – familiar, espiritual, estudos, trabalho, tempos livres, projetos e compromissos” (CI, IV-1b).

Ponto de Esforço: O ponto de esforço pode ser definido como o propósito que, no fim da reunião, cada equipa procura estabelecer, aquela norma de vida que, sozinhos (ponto de esforço individual) e/ou em equipa (ponto de esforço coletivo), todos os elementos se comprometem a cumprir e da qual vão dar testemunho na reunião seguinte.

ENS: As Equipas de Nossa Senhora (ENS) são um movimento de espiritualidade conjugal cujo objetivo é ajudar os casais a viver plenamente o seu sacramento do Matrimónio, anunciando ao mundo os valores do casamento cristão pela palavra e pelo testemunho de vida. São uma escola de formação para casais cristãos unidos pelo sacramento do Matrimónio. Foi a partir destes que a ideia de criar as EJNS surgiu.

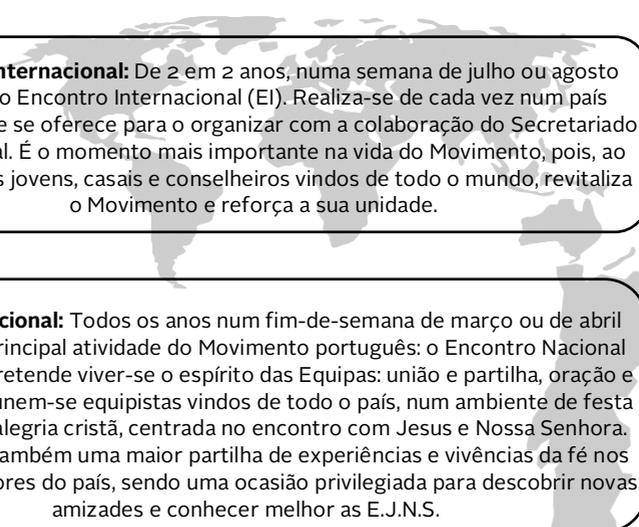
Secretariado do Setor: Cada setor (determinado local/ região) tem uma equipa de secretariado do qual fazem parte o responsável de setor, um conjunto de jovens, um padre e um casal assistentes do setor. A equipa reúne-se pelo menos uma vez por mês para desenvolver tarefas e também para rezar pelas equipas que lhe estão confiadas.

Secretariado Nacional: Constituído pelo responsável nacional, por um conjunto de jovens e pelo padre e casal assistentes da E.A.N., o S.N. é o órgão ao qual compete a execução das deliberações da E.A.N., a administração e a representação das E.J.N.S. a nível nacional. Tem uma função primordial que é rezar pelo Movimento nacional. Esta equipa deve ser constituída, na medida do possível, por pessoas vindas dos vários setores e regiões. O responsável nacional muda de dois em dois anos.

Secretariado Internacional: é uma equipa constituída pelo responsável internacional, pelo padre e casal assistentes da E.A.I. e por uma série de jovens equipistas. Esta equipa deve ser constituída, tanto quanto possível, por membros dos diversos países onde o Movimento está implantado. Uma missão fundamental do S.I. é rezar pelo Movimento internacional.

EAI: A Equipa de Animação Internacional é composta por todos os responsáveis nacionais de cada país, pelo responsável internacional e por um padre e um casal assistentes.

EAN: A Equipa de Animação Nacional é formada pelo responsável nacional, por um padre e um casal assistentes, e pelos responsáveis das regiões ou setores em que o país está dividido. Esta equipa é o órgão de decisão do Movimento a nível nacional.



Encontro Internacional: De 2 em 2 anos, numa semana de julho ou agosto tem lugar o Encontro Internacional (EI). Realiza-se de cada vez num país diferente, que se oferece para o organizar com a colaboração do Secretariado Internacional. É o momento mais importante na vida do Movimento, pois, ao juntar muitos jovens, casais e conselheiros vindos de todo o mundo, revitaliza o Movimento e reforça a sua unidade.

Encontro Nacional: Todos os anos num fim-de-semana de março ou de abril realiza-se a principal atividade do Movimento português: o Encontro Nacional (EN). No EN pretende viver-se o espírito das Equipas: união e partilha, oração e formação. Reúnem-se equipistas vindos de todo o país, num ambiente de festa e verdadeira alegria cristã, centrada no encontro com Jesus e Nossa Senhora. Proporciona também uma maior partilha de experiências e vivências da fé nos diferentes setores do país, sendo uma ocasião privilegiada para descobrir novas amizades e conhecer melhor as E.J.N.S.

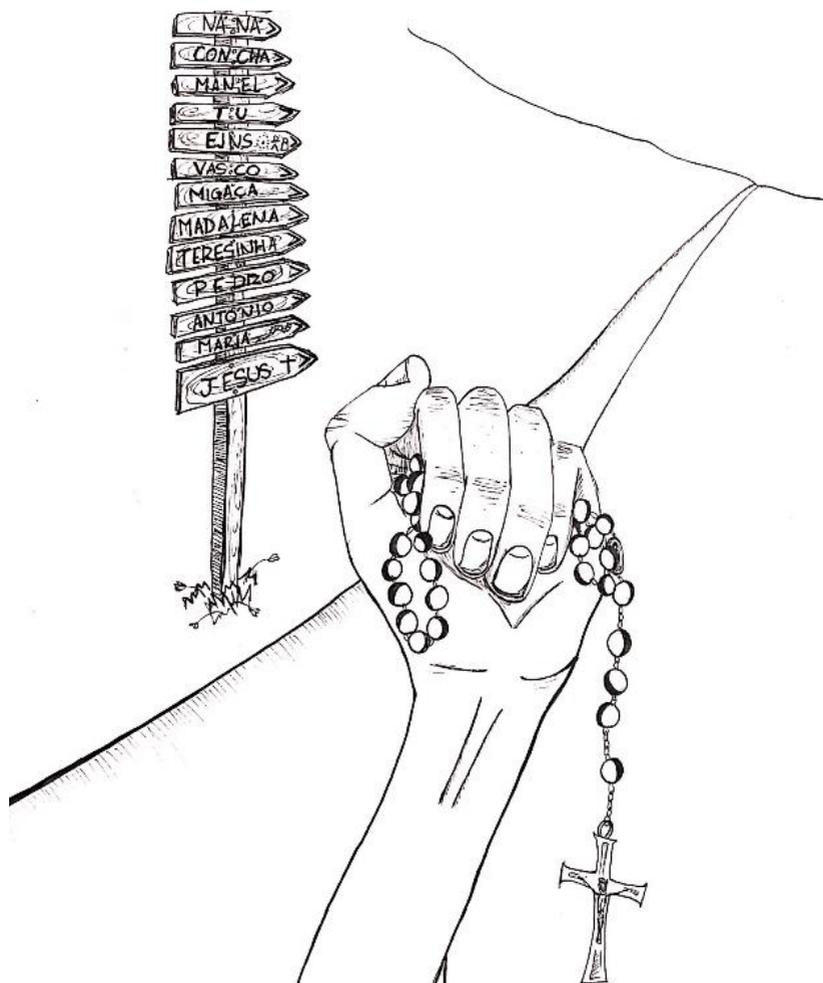
Compromisso: O compromisso é o culminar de uma caminhada realizada ao longo do tempo de pilotagem (sensivelmente um ano), que permitiu a todos os elementos da equipa conhecer a proposta do movimento para seguir a Cristo, tendo sempre Maria como Mãe. Com o compromisso, unidos em equipa, cada um dos elementos assume essa proposta perante Deus e Nossa Senhora.

Existem três níveis do mesmo compromisso: é um compromisso de cada um diante de Deus; é um compromisso com a Igreja e de serviço à Igreja, especificamente com o Movimento das Equipas de Jovens e por fim é um compromisso pessoal na própria caminhada de fé.

É um momento de grande alegria no qual todo o Movimento deverá participar. O compromisso nunca deverá ser encarado como um fim, mas sim como o querer continuar uma caminhada já iniciada, na qual tudo depende de cada um e de todos em conjunto. Em termos práticos, após o compromisso os pilotos que acompanharam a equipa até então deixam de o fazer. Toda a restante dinâmica de equipa mantém-se.



Tema I: Bem-Vindo às Equipas!



Tema I: Bem-Vindo às Equipas!

Leitura

“É melhor dois do que um só: tirarão melhor proveito do seu esforço. Se caírem, um ergue o seu companheiro. Mas aí do solitário que cai: não tem outro para o levantar! (...) Se um só é oprimido, dois já conseguem resistir a isso; o cordel dobrado em três não se parte facilmente.”

(Ecl 4, 9-10,12)

Tema

Eis que chegou o momento pelo qual tanto esperaste! A tua primeira reunião de equipa. À vinda para a reunião certamente vieste a pensar como seria este dia, quem seriam os teus colegas equipistas, como seria o casal, os pilotos. Se calhar já tens quem conheças na equipa ou se calhar vens sozinho. Quem sabe tens pessoas na família que já conhecem o movimento ou talvez isto seja tudo muito novo para ti. Mas o que interessa agora é que estás aqui e que esta aventura está só a começar.

Hoje é difícil prever quantos anos vai ter esta equipa que agora começa, como vai crescendo, que importância vai ter na tua vida. É de uma imprevisibilidade maravilhosa. As caras que estão nesta sala podem vir a ser caras muito importantes para ti, caras que, passo a passo, com o tempo, vão crescer contigo. Caras que vão fazer parte, de alguma maneira, de uma das fases mais espetaculares da vida: a juventude.

Se o tempo médio de uma equipa for entre 5 e 8 anos repara nas fases que pode apanhar. Fim de secundário, entrada para a faculdade, início da vida profissional, namoros que vão começando, outros que vão acabando, casamentos, quem sabe, alguém que se dedique à vida religiosa, fases mais difíceis a nível familiar, tantas alegrias e tantas tristezas...

De alguma maneira Jesus escolheu estas pessoas para fazerem este caminho contigo. Porque a juventude, embora espetacular, muitas vezes não é fácil. Ser um jovem cristão não é fácil, é muito exigente, mas saber que tens quem vá fazendo companhia nas dificuldades e nos êxitos da vida é muito reconfortante e dá um sentido muito grande a tudo isto.

A cada reunião é normal que a intimidade cresça, que te abras a cada dia um bocadinho mais a estes amigos. Mas, de facto, isso é um caminho que se vai construindo, e, como não podia deixar de ser, qualquer amizade começa com uma apresentação.

Portanto, caro equipista, dá-te a conhecer a estes futuros amigos que Deus te pôs no caminho. A partir de agora eles fazem também parte da tua história de amor com Deus. Aproveita!

Proposta de Dinâmica

Mini-entrevistas a pares, em que cada um de seguida apresenta o seu par tentando decorar tudo o que foi dito num espaço de 5 minutos (sugestões: quem é, de onde vem, a família, onde estuda, como chegou às equipas, etc.).

Para Aprofundar

Site das EJNS: <http://www.ejns.pt>



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema II: O Carisma das EJNS



Tema II: O Carisma das EJNS

Leitura

“Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu, e tudo o que desligardes na Terra será desligado no Céu.» «Digo-vos ainda: Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, não-de obtê-la de meu Pai que está no Céu. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.”

(Mt 18, 18-19)

Tema

EJNS | Como tudo começou...

Em 1976, no encontro internacional das Equipas de Nossa Senhora (ENS), um movimento de casais católicos fundado pelo Padre Caffarel, um grupo de jovens começaram aquilo que viriam a ser as Equipas de Jovens de Nossa Senhora, o nosso movimento.

Num tempo onde não havia telemóveis nem e-mails, decorreu paralelamente ao encontro de casais em Roma, um encontro de jovens, filhos dos casais das ENS, vindos de todo o mundo.

Estes jovens sentiam a falta de um lugar de oração e de partilha que os ajudasse na sua vida do dia-a-dia, e pediram orientação ao Pe. Guy Thomazeau na criação de um movimento juvenil católico que respondesse aos anseios e às preocupações de tantos jovens como eles, e que fosse inspirado na espiritualidade e no modo de funcionar das Equipas de Nossa Senhora.

A Christine d'Ammonville, era uma desses jovens, filha do casal responsável internacional das ENS e que arrancou com este primeiro encontro. Apesar de se reconhecer esta necessidade dos jovens, todos consideram que o tempo vai diluir o seu projeto, que não passa de uma ideia bonita. Enfrentando o descrédito de todos, Christine não desiste e começa a preparar um 2º Encontro do Movimento, a realizar

no Verão de 1977. O Pe. Guy Thomazeau e o casal Jacqueline e Michel Perreau aceitam continuar a ajudá-la. Entretanto, de forma quase espontânea e sem organização, os jovens vindos de Roma começam a reunir-se em equipas em vários países.

De Portugal foram a Roma cerca de 160 jovens e começaram a surgir nesse mesmo ano as primeiras Equipas em Portugal, no Porto. Estes grupos, constituídos por participantes no Encontro de Roma, passam a chamar-se "Grupos de Partilha Jovem". Pouco depois, começam também em Lisboa os primeiros encontros.

Começaram os jovens a organizar-se em secretariados, tanto a Norte como a Sul, com ajuda de casais e dos conselheiros Espirituais, com o objetivo de se voltarem a reunir no Encontro Internacional. As EJNS começam como um movimento internacional desde o início, embora o seu carisma só a pouco e pouco se vá definindo.

Passados todos estes anos, vemos que muitos foram aqueles que tiveram a oportunidade de fazer parte deste nosso movimento, aceitando e renovando aquele primeiro convite duradouro de Christine. Jovens que cresceram e que foram acolhendo a sua vocação, muitos deles são hoje, leigos ativos e empenhados na Igreja, uns casados, alguns padres, outros ainda seminaristas, outros são já consagrados/consagradas, e já há muitos cujos pais e avós foram jovens das equipas e/ou casais assistentes.

São sobretudo pessoas com sede de Jesus e que encontraram nas Equipas de Jovens de Nossa Senhora uma forma de procurar e encontrar essa Fonte.

Todos disseram um Sim, um fiat profundo como Nossa Senhora. Um Sim transformador, que os leva a Jesus. O grande objetivo das EJNS é levar os equipistas a Jesus e a encontrarem na equipa um caminho para descobrir Aquele que dá sentido à vida, a partir do colo da Sua Mãe.

EJNS | O nome

Equipas: À semelhança do pequeno grupo de apóstolos que acompanhou Jesus, a equipa é uma célula viva da Igreja. É o meio escolhido pelas EJNS para viver em Igreja o encontro com Cristo e ser suas testemunhas. O crescimento espiritual de cada um, a participação na vida do Movimento e da Igreja, as tarefas de organização, enfim todos os aspetos das EJNS, não são somente fruto do esforço individual, mas desenvolvem-se porque tudo é feito "em equipa". Esta é uma característica fundamental deste Movimento (até lhe deu o nome...) pois é na medida em que contribuímos, em que nos entregamos aos outros e a Deus, que mais amamos e mais crescemos. "Em equipa" enfrentamos os desafios de organizar atividades que permitam aos outros encontrar Cristo e acabamos, também nós, por encontrá-lo. "Em equipa" sentimo-nos acompanhados na nossa busca de felicidade.

Jovens: Os membros de uma equipa podem ser muito diferentes na sua experiência humana e espiritual, no seu nível de fé, na sua cultura, modo de vida ou atividades. Devido à sua idade, estão num momento da vida em que há decisões importantes e novos rumos a tomar. Eles querem descobrir ou aprofundar a sua Fé, viver o Evangelho em cada dia e conhecer os meios para discernir, à luz do Espírito Santo, cada passo das suas vidas: estudos, profissão, vocação.

Nossa Senhora: O nome de Nossa Senhora, herdado das Equipas de Nossa Senhora (ENS), dá a cada equipista o desejo de compreender o lugar de Maria no Mistério de Cristo e, portanto, também no Mistério da Salvação. Cada um encontrará, assim, na sua própria vida o lugar que Deus dá a Maria. É por isso que as equipas se colocaram sob a proteção de Maria, mãe de Deus e mãe da Igreja. A vida de equipa desenvolve os valores espirituais e humanos de que Maria é modelo. (Carta Internacional e Documento Nacional das EJNS)

EJNS | O que são?

O Movimento baseia-se numa pedagogia de partilha e propõe quatro "utensílios" para ajudar os jovens a partilhar os diversos aspetos da sua vida, os chamados 4 tempos - a oração, a partilha, o

estudo/discussão do tema e o ponto de esforço. Em todas as equipas a reunião mensal desenvolve estes quatro tempos.

Fazem também parte do carisma das equipas a espiritualidade de passagem e a pedagogia da partilha, bem como o facto de sermos um movimento de Igreja, na Igreja e para a Igreja, e tudo ser feito por jovens para outros jovens:

- A espiritualidade de passagem significa que o objetivo do movimento é proporcionar a cada um dos seus membros um ambiente espiritual que lhes permita fazer a passagem de uma Fé recebida para uma Fé vivida, passagem para uma Fé mais sólida e madura, passagem para a descoberta de uma vocação, passagem para um assumir de compromissos com confiança;
- A pedagogia de partilha significa que os membros da equipa seguem um determinado percurso de aprendizagem e aprofundamento da Fé num ambiente de partilha, de confiança e de ajuda mútua.

Na equipa somos sempre acompanhados por um casal, que é para nós um sinal e um testemunho de fidelidade vivida com Deus, de vida espiritual partilhada e de compromisso como leigos no mundo. Integrados na família, para que todos se sintam acolhidos e onde ao longo do tempo se proporciona um ambiente de confiança e amizade essencial à partilha da Fé.

As EJNS são também um movimento de Igreja, na Igreja e para a Igreja. Somos parte e estamos em total comunhão com esta comunidade que Jesus quis deixar junto dos homens.

(Documento Nacional das EJNS)

A Vida nas EJNS

Cada membro das EJNS pertence a uma equipa e simultaneamente ao Movimento, que é composto por muitas outras equipas semelhantes à sua, mas com modos de viver diferentes segundo o mesmo espírito. A riqueza das EJNS reside na dupla participação na equipa e no Movimento. Assim, pertencer a uma

equipa significa participar ativamente nas reuniões mensais, procurando nela, mais do que um grupo de amigos, um verdadeiro local de encontro com Cristo. A equipa não é um objetivo em si, mas um meio de crescimento espiritual e humano para cada um dos seus membros, que deve ser complementado pela oração individual, pela escuta da Palavra de Deus, pela assiduidade aos Sacramentos (em especial a Eucaristia e a Reconciliação), pela caridade ao próximo e pela participação na vida da Igreja e do Movimento. Pertencer ao Movimento significa participar nas atividades que nos são propostas ao nível do nosso setor, ao nível do nosso país, e a nível internacional. Mas pertencer ao Movimento significa também comprometer-nos com os outros aceitando responsabilidades e ajudando a preparar e organizar atividades para todos. (Documento Nacional das EJNS)

"nas EJNS todas as responsabilidades são asseguradas pelos jovens."

(Carta Internacional, Cap. III)

Um movimento de jovens para jovens nas EJNS o caminho é sempre feito em conjunto. Além da preparação das reuniões ser da responsabilidade dos jovens, estes também são chamados a participar nas atividades do Movimento e a serem parte dos secretariados. E por isso, o espírito de co-responsabilidade tem de estar sempre presente no crescimento de cada equipa, pois esta melhora na medida em que cada um se empenha nela e na medida em que cada um se dá sem esperar receber.

Pontos de Discussão

- O que quero da minha Equipa? Porque vim para as EJNS?
- As EJNS não nascem de um plano muito bem definido e pensado mas da intuição e da iniciativa de uma jovem, filha de um casal, que procurava algo mais para a sua vida espiritual. Será que oiço o que Deus tem para me dizer, sabendo que Ele pode e quer fazer coisas grandiosas na minha vida e, através de mim, na vida de tantos outros?

Proposta de Dinâmica

- Testemunho pessoal dos pilotos sobre como vivem as EJNS e o que estas lhes dão;
- Vai até ao glossário neste caderno e explora!

Proposta de Ponto de Esforço

Ir em Equipa a uma atividade do Movimento no setor e/ou nacional.

Para aprofundar

No site das EJNS podes ler os seguintes documentos:

- Carta Internacional Cap. I (EJNS) e cap. IV (A vida em Equipa);
- Documento Nacional Cap. I, II, IV e VII;
- Testemunhos 40 anos EJNS.



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:

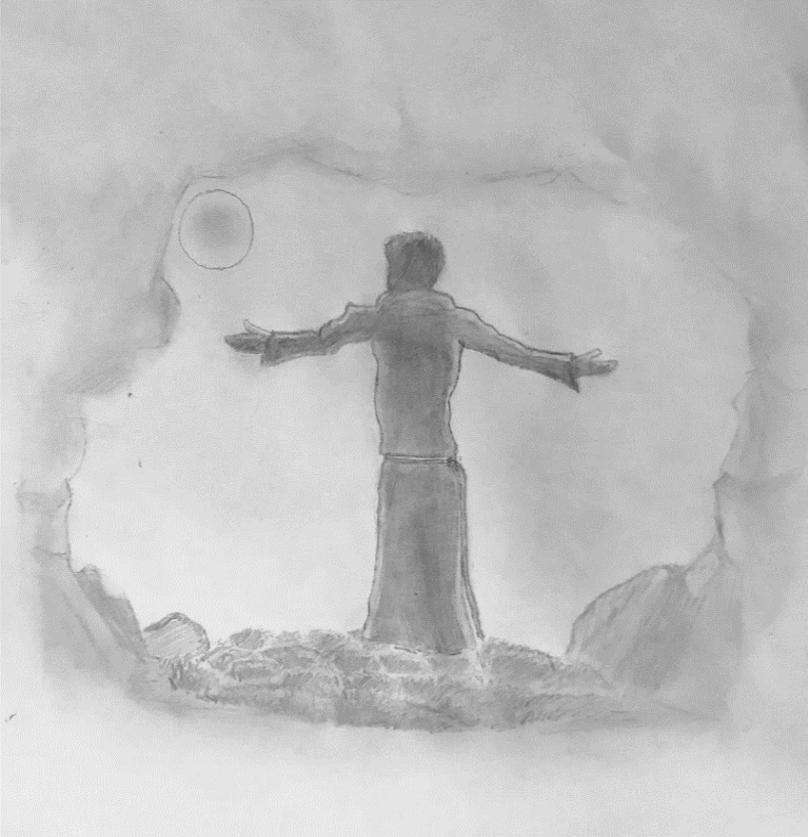




NOTAS



Tema III: Jesus de Nazaré



Tema III: Jesus de Nazaré

Leitura

“Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» Eles responderam: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas.» Perguntou-lhes de novo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?»

Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.»

(Mt 16, 13-19)

Tema

“E vós, quem dizeis que Eu sou?”

A resposta de Pedro é uma profissão de fé no “Messias, Filho do Deus vivo”. Tal profissão de fé não é fruto da lógica e do esforço humano, mas é uma revelação divina, pois quem a revela é o próprio Pai, que está no Céu.

Ora Jesus, ao encarnar e ao fazer-Se Homem, dá-Se-nos inteiramente. Faz-Se pequenino como nós somos pequeninos. Entrega-Se ao mundo, de onde não é, para o salvar. Faz-Se Homem por nós.

“Já não Te chamei Mestre interior nem Senhor-de-todas-as-coisas. Chamei-Te simplesmente pelo Teu nome próprio aqui na Terra: Jesus. E quando digo este santíssimo nome não penso num ser de outro mundo a pairar sobre as cidades deste mundo, mas no filho de Deus feito homem, que na Terra viveu, pregou, fez amigos e inimigos, rezou, se entregou e escolheu Apóstolos, que O

acompanhavam como companheiros Seus.” (Nuno Tovar de Lemos, sj, O Príncipe e a Lavadeira)

Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem

A Encarnação é “o mistério da união admirável da natureza divina e da natureza humana na única Pessoa do Verbo” (Catecismo, 483). A Encarnação do Filho de Deus “não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que seja o resultado de uma mistura confusa entre o divino e o humano. Ele fez-Se verdadeiramente homem, permanecendo verdadeiramente Deus.” (Catecismo, 464).

Entrega total

Jesus morre pelos nossos pecados (cfr. Rm 4,25). Fruto da Cruz é, portanto, a eliminação do pecado. É a cruz que permite a todos os homens afastarem-se do pecado e fazerem um caminho de santidade.

Deus envia Jesus para o mundo para que este traga a salvação dos homens. Esta salvação é feita com o sacrifício da sua própria vida. Na cruz de Jesus encontramos a misericórdia e a justiça de Deus.

É a morte de Jesus na cruz, a sua entrega total (não só um braço ou uma perna, o corpo todo, a vida toda!), que permite que nos comportemos como filhos de Deus, porque “a batalha final já foi ganha”, a vida eterna já nos foi concedida – “A bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8, 9).

Ressurreição

Depois de morrer, Jesus foi sepultado. A sepultura de Cristo manifesta que Ele verdadeiramente morreu. Jesus esteve realmente morto, a Sua alma e o Seu corpo separaram-se (cfr. Catecismo, 624).

Mas “ao terceiro dia”, Jesus ressuscitou para uma vida nova. A Sua alma assumiu de novo o corpo. Por este motivo, o corpo ressuscitado de Jesus, mesmo apresentando as marcas da paixão já está no seu estado glorioso, no qual há de subir aos Céus.

Como, pela paixão e morte de Cristo, Deus eliminou o pecado e reconciliou o mundo consigo, de modo semelhante, pela ressurreição de Cristo, Deus inaugurou a vida eterna e colocou-a à disposição dos homens. A cruz de Jesus apenas é justificada pela Sua ressurreição.

A Ressurreição é o fundamento da nossa fé, pois atesta de modo incontestável que **Deus interferiu na história humana para salvar os homens**. E garante a verdade do que prega a Igreja sobre Deus, sobre a divindade de Cristo e a salvação dos homens. Como diz São Paulo, “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé” (1 Cor 15, 17).

Os Apóstolos não podiam enganar-se nem ter inventado a ressurreição. Em primeiro lugar, se o sepulcro de Cristo não estivesse vazio, não poderiam ter falado da ressurreição de Jesus; além disso, se o Senhor não lhes tivesse aparecido, em várias ocasiões e a numerosos grupos de pessoas, homens e mulheres, muitos dos discípulos não teriam podido aceitá-la, como ocorreu inicialmente com Tomé. Muito menos estariam dispostos a dar a sua vida por uma mentira.

Além de ser um evento histórico, verificado e testemunhado por muitos, a Ressurreição de Cristo é um acontecimento transcendente porque abre a toda a humanidade a glória de Deus.

Esta Ressurreição não pode ser senão motivo de grande alegria. Por isso mesmo voltamos a cantar “Aleluia” na Vigília Pascal, que celebramos no Sábado Santo à noite, antecipando o Domingo de Páscoa. Assim, simbolicamente, começamos a vigília às escuras, nas trevas onde se encontrava o mundo durante a morte de Jesus, e depois todas as luzes se acendem, gradualmente, com o lume novo, símbolo da nova vinda de Jesus, verdadeiramente vivo.

Da Ressurreição de Jesus, devemos tirar para nós:

- a) **Fé viva:** Jesus não é uma figura que passou. Não é uma recordação que se perde na História. Vive!
- b) **Esperança:** Não há necessidade de desesperarmos; Lázaro, já morto havia quatro dias, voltou à vida quando Jesus o chamou!

c) Desejo de que a graça e a **caridade** nos transformem: Procuremos viver uma vida realmente santa, buscando a reconciliação frequente, recomeçando sempre de novo!

Proposta de Dinâmica

- Pensar num momento em que tivemos realmente noção de que Jesus está vivo.
- Partilhá-lo com a equipa.

Proposta de Ponto de Esforço

Participar numa Via Sacra em equipa.

Para aprofundar

- Mensagem de Quaresma do Papa Francisco, 2014;
- Mensagem Urbi et Orbi Papa Bento XVI, 2011;
- Mensagem de Quaresma deste ano;
- O Significado da Cruz (Ascension Presents)



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema IV: Oração



Tema IV: Oração

Leitura

“Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos.» Disse-lhes Ele: «Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; dá-nos o nosso pão de cada dia; perdoa os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixes cair em tentação. Disse-lhes ainda: «Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: ‘Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer’, e se ele lhe responder lá de dentro: ‘Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar’. Eu vos digo: embora não se levante para lhos dar por ser seu amigo, ao menos, levantar-se-á, devido à impertinência dele, e dar-lhe-á tudo quanto precisar.» Digo-vos, pois: Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra, e ao que bate, abrir-se-á. Qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!»”

(Lc 11, 1-13)

Tema

Porque é que rezamos?

No nosso coração pressentimos a existência de algo maior, temos sede de infinito.

O Homem é um animal de relação, não pode sobreviver sozinho. Vivemos da relação, e essa relação é também necessária na vertical,

com Deus, e não só na horizontal, entre homens – “Tem necessidade de se abrir ao outro, a algo ou a alguém que possa doar-lhe quanto lhe falta, deve sair de si mesmo, rumo Àquele que é capaz de satisfazer a amplitude e a profundidade do seu desejo”. (Papa Bento XVI, Audiência de 11 Maio 2011).

Esta necessidade de relação torna-se ainda mais evidente quando somos confrontados com questões mais complicadas - “o que é o homem [— quem sou eu?—], qual o sentido e o fim da nossa vida, o que é o bem e o que é o pecado, qual é a origem e a finalidade do sofrimento, qual é o caminho para se obter a verdadeira felicidade, o que é a morte, o julgamento e a recompensa que se lhe dão-de seguir, e qual é, finalmente, aquele derradeiro e inefável mistério que envolve a nossa existência: donde partimos e para onde vamos?” (Declaração Nostra Aetate, do Concílio Vaticano II).

Podemos resumir em três pontos o “porquê” de o Homem rezar:

1. O reconhecimento de que Deus é Alguém, um Tu a Quem o homem se pode dirigir (e não algo vago ou um ser impessoal, como se sugere no budismo ou noutras religiões);
2. O reconhecimento humilde de que somos limitados, não perfeitos, e que precisamos e dependemos de Deus;
3. E, por fim, o reconhecimento de que Deus nos ama, como se manifesta na Sua Revelação e em particular na vida de Jesus, e de que este Amor pede a nossa resposta.

Importância da oração

A oração é absolutamente necessária para a vida espiritual. É como a respiração que permite que a vida do espírito se desenvolva. Na oração fomenta-se a esperança que leva a orientar a vida para Ele e a confiar na Sua providência. E engrandece-se o coração ao responder, com o próprio amor, ao Amor divino.

“Na oração, a alma, com Cristo, por Cristo e em Cristo, dirige-se a Deus Pai, participando da riqueza da vida trinitária.” (cf. Catecismo, 2559-2564).

Ou seja, não basta somente rezar e tão-pouco somente agir, é preciso unir ambos para se fortalecer na fé.

Santo Agostinho diz-nos que “só se ama quem se conhece.” Ora, é também através da oração que vamos conhecendo melhor a Deus para poder amá-Lo mais.

A oração não se pode desligar da ação, deve levar à ação. Mas a ação sem oração corre o risco de se tornar estéril e esquecer o essencial, pois sem oração não se preserva o Amor, como tantas vezes lembrou Santa Teresa de Calcutá.

Jesus mostra-nos isto muito claramente na visita à casa de Marta e Maria: Maria acolhe a presença de Jesus, enquanto Marta, preocupada em servir bem, limpa a casa, mas não está com Ele: “Marta, Marta, andas inquieta e atarefada com tantas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada.” (cf. Lc 10, 38-42).

“A oração alarga-nos o coração” disse o Papa Bento XVI, citando Santo Agostinho – “Ficai connosco, Senhor”: é a expressão do desejo que palpita no coração de cada ser humano. Este desejo de “coisas grandes”, deve transformar-se em oração. Os Padres afirmavam que rezar mais não é do que transformar-se num desejo ardente do Senhor. Num lindíssimo texto Santo Agostinho define a oração como expressão do desejo e afirma que Deus responde alargando para Ele o nosso coração: “Deus ao suscitar em nós o desejo, alarga o nosso coração; e alargando o nosso coração, torna-o capaz de o acolher”. (...) “Esta – prossegue Santo Agostinho – é a nossa vida: exercitar-nos no desejo”. Rezar diante de Deus é um caminho, uma escada: é um processo de purificação dos nossos pensamentos, dos nossos desejos. A Deus podemos pedir tudo. Tudo o que é bom. A bondade e o poder de Deus não conhecem um limite entre as coisas grandes e as pequenas, entre as materiais e as espirituais, entre as terrenas e as celestes. No diálogo com Ele, tendo toda a nossa vida diante dos seus olhos, aprendemos a desejar as coisas boas, a desejar, no fundo, o próprio Deus. Narra-se que, num dos seus momentos de oração, São Tomás de Aquino ouviu o Senhor Crucificado dizer-lhe: “Escreveste bem acerca de mim, Tomás; o que desejas?”. “Nada mais do que a Ti”, foi a resposta do Santo doutor. “Nada mais do que a Ti”. Aprender a rezar é aprender a desejar e, assim, aprender a viver.”

Mas se Deus sabe tudo, porque é que rezamos?

Tantas vezes é difícil rezar! A oração é, por vezes, uma batalha desafiante de fidelidade - contra o sono, contra a preguiça, contra o desespero, contra a distração, contra as falsas imagens que temos de

Deus, contra a falta de consolo, contra o silêncio, - e não há uma fórmula única para a oração cristã, há diferentes modalidades, mas em todas elas há um elemento comum: Jesus. E, se Jesus já sabe tudo, porque é que havemos de rezar?

Em vários episódios do Evangelho Jesus mostra-nos a importância da súplica de fé. Jesus sabe, mas é preciso que nós peçamos!

E porque é que por vezes pedimos, mas parece que não somos ouvidos? Porque nem sempre o que se pede é o que Ele preparou para nós, porque Deus tem o tempo d'Ele para agir, porque tantas vezes já está a satisfazer os nossos pedidos, mas de uma forma que não compreendemos...

Assim, em oração é importante pedirmos sempre para termos confiança naquilo que Deus planeia para nós e para aceitarmos os Seus tempos.

Então como começar a rezar? Pedindo a Jesus, como os discípulos Lhe pediram quando O viram a orar: “Senhor, ensina-nos a rezar!” (cf. Lc 11, 1-4).

E, depois, aprende-se a rezar rezando: quer seja para pedir alguma coisa, para si ou para outros, para agradecer, para pedir perdão ou simplesmente para louvar a Deus, falar-Lhe do nosso dia e conhecê-Lo melhor. A oração é uma graça e não somos nós que “mandamos” nela, é o Espírito Santo. Cabe-nos a nós arranjar tempo, espaço, abertura de coração... Nunca haverá duas orações rigorosamente iguais, cada momento de oração é único e por isso fundamental.

Rezamos porque queremos mergulhar no Amor de Deus por nós e queremos responder amando-O mais, como Ele verdadeiramente é.

Tipos de oração:

Existem muitas formas de nos relacionarmos com Deus. Do mesmo modo também existem muitas formas de oração.

O Catecismo estrutura a sua exposição distinguindo entre oração vocal, meditação e oração de contemplação. As três “têm um traço fundamental comum: o recolhimento do coração. Esta atenção em guardar a Palavra e permanecer na presença de Deus faz destas três expressões tempos fortes da vida de oração” (Catecismo, 2699).

Oração vocal

Trata-se de uma oração através das palavras. No entanto, há que afirmar que a oração vocal não é assunto apenas de palavras, mas, sobretudo, de pensamento e de coração. Daí que seja mais exato defender que a oração vocal é a que se faz utilizando algo já existente, quer retirado da Sagrada Escritura (o Pai-Nosso, a Avé Maria, o Magnificat...), quer recebidas da tradição espiritual (o “Salvé Rainha”, “Lembraí-vos”...).

A meditação

A meditação pode ser algo espontâneo, durante celebrações, em momentos de silêncio, ou ter origem na leitura de algum texto, ao ouvirmos alguma música.... Em todo o caso, é óbvio que – especialmente nos inícios, mas não só – implica esforço, um desejo profundo de nos aproximarmos de Deus e de conseguirmos também procurar aquilo que Ele tem para nos dizer. Nesse sentido, pode afirmar-se que “a meditação é, sobretudo, uma busca” (Catecismo, 2705). Trata-se, não da busca de algo, mas de Alguém.

A oração contemplativa

Santa Teresa de Jesus dizia que a contemplação não é outra coisa “senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com Quem sabemos que nos ama”. Passa por estarmos na presença de Nosso Senhor, em Adoração, ou perante uma imagem que nos toque de forma especial, uma música que nos faça ter Jesus especialmente presente, e fazermos espaço para que Ele se aproxime de nós e O consigamos escutar ou entregar tudo o que temos no coração.

Proposta de Dinâmica

- Partilhar as várias formas como cada um costuma rezar e as dificuldades na oração;
- Relembrar um bom momento de oração, em que nos tenhamos sentido próximos de Jesus.

Proposta de Ponto de Esforço

- Cadeia de oração em equipa: define-se uma ordem. Todos os dias a pessoa responsável liga à pessoa seguinte e diz que já rezou uma dezena pela intenção X e que no dia seguinte essa pessoa tem que rezar uma dezena pela intenção Y;
- Arranjar uma intenção semanal/diária/mensal da equipa, que todos se comprometem a ter nas suas orações;
- Escolher uma “Oração de Equipa” que será rezada em todas as reuniões.
- Fazer um tempo de Adoração diante do Santíssimo e pedir por cada membro da Equipa, pelo nome.

Para aprofundar

- Declaração Nostra Aetate, do Concílio Vaticano II
- Papa Bento XVI, Audiência de 11 Maio 2011
- “A Oração, o respiro da vida nova”, Papa Francisco
- (Ascension Presents) 3 passos para rezar incessantemente



- Carta sobre meditação cristã de 1989



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:

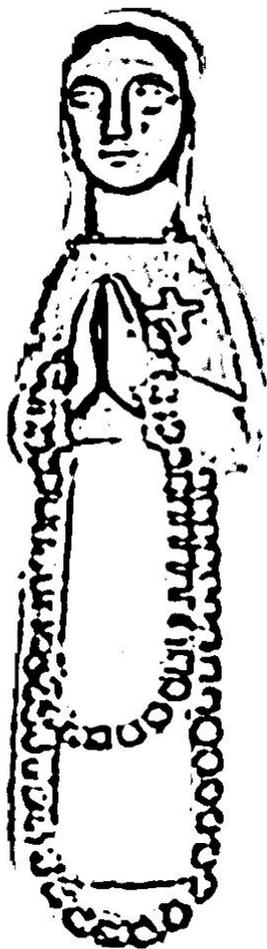




NOTAS



Tema V: Nossa Senhora



Tema V: Nossa Senhora

Leitura

“Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Cleófas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.”

(Jo, 19, 25-27)

Tema

“Queridos Peregrinos, temos mãe, temos Mãe” (Papa Francisco em Maio de 2017, na sua visita a Portugal por ocasião da celebração dos 100 anos das aparições de Nossa Senhora em Fátima.)

É Jesus, que é Deus Filho e revelador da vontade do Pai, que do alto da cruz entrega Maria como Mãe dos seus discípulos e, por isso, Mãe de toda a Igreja. Maria acolhe esta missão, e todos os dias nos interpela da mesma maneira que o fez aos servos das bodas de Caná dizendo-nos: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Vários santos, procurando responder a este convite de Nossa Senhora, reconheceram como Ela se revela uma seta que indica o caminho para melhor chegar a Deus. São Luís Maria Monfort foi um bom exemplo disso, ao viver a sua vida com uma “Consagração total a Jesus Cristo, sabedoria encarnada, pelas mãos de Maria”. Padre Francês, missionário disse: “É por Maria que procura e que vou encontrar Jesus. (...) Deus, vendo que somos indignos de receber suas graças directamente de Suas mãos divinas, dá-as a Maria, a fim de obtermos por ela o que Ele nos quer dar”.

É deste ponto de partida que o Padre Caffarel, fundador das equipas de casais, escreveu um dia: “Agrupai-vos para procurar Cristo, para O imitar, para O servir. Não o conseguireis sem um guia. E não há melhor guia que a Virgem”. Deus, por intercessão da Mãe do Céu, faz-se assim

presente em cada reunião “porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles.” (Mt 18:20).

Qual a importância de procurar ter uma relação com Maria?

Do Concílio Vaticano II resultou um documento chamado *Lumen Gentium*. O último capítulo deste documento responde a esta pergunta, indicando que: “Existindo esta relação de exemplaridade [de Nossa Senhora], a Igreja descobre-se em Maria e procura tornar-se semelhante a ela (...). A maternidade da Igreja realiza-se não só segundo o modelo e a figura da Mãe de Deus, mas também com a sua cooperação.”

Nossa Senhora na Bíblia

Bem contadas, as referências que o Evangelho faz de Maria são muito escassas. Pouca coisa, poder-se-á pensar, na vastidão do Novo Testamento. E, no entanto, a presença de Maria é constante. Embora sempre discreta, Maria está presente em todos os momentos importantes: na Encarnação, no Seu primeiro milagre, na Cruz, no Pentecostes, entre outros. De facto, na sua encíclica *Redemptoris Mater*, São João Paulo II escreve que “Maria acreditou que se cumpririam aquelas coisas que lhe tinham sido ditas da parte do Senhor. Como Virgem, acreditou que conceberia e daria à luz um filho: o «Santo», ao qual corresponde o nome de «Filho de Deus» (...). Como serva do Senhor, permaneceu perfeitamente fiel à pessoa e à missão deste seu Filho. Como Mãe, «pela sua fé e obediência... gerou na terra o próprio Filho de Deus, sem ter conhecido homem, mas por obra e graça do Espírito Santo». Por estes motivos «Maria é com razão honrada pela Igreja com culto especial; (...) é venerada com o título de «Mãe de Deus» e sob a sua proteção se acolhem os fiéis, que a imploram em todos os perigos e necessidades».

Maria é o exemplo de como ser e estar face a Deus. A Mãe de Jesus ensina-nos a viver intimamente com Deus e a amá-l'O. Com Ela aprendemos a orar, a confiar, a sofrer por Amor e a guardar todas as coisas, meditando-as no coração. O que propomos para preparares este tema é que pegues no Evangelho e partas à descoberta de Nossa Senhora. Quanto mais procurares, melhor a irás conhecer. Algumas pistas de leituras e pontos de meditação de características de Maria:

Disponibilidade e Liberdade de coração | *“Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”*. Lc 1, 38

A Anunciação é, sem dúvida, um momento ímpar: Por instantes todo o Universo, toda a Criação, fica suspensa da generosidade de uma criatura, de uma pobre rapariga. O que está em jogo é a Redenção, é a Salvação dos homens. E Maria, que estava noiva, que tinha projetos para o futuro, que tinha planos para a sua vida, tudo esquece, tudo abandona para fazer a vontade de Deus. A Virgem não regateia, não calcula, não mede a sua entrega. Diz apenas: “Sou escrava, faça-se”.

Partilha: *Olhando para o exemplo de Nossa Senhora que acolheu a vontade do Senhor, qual é a minha generosidade para com os apelos do Senhor? De que forma procuro ouvir esses apelos?*

Confiança, atenção e cuidado | *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*. Jo 2, 5

Maria viveu unicamente para Ele. Depois de Jesus lhe responder “Mulher, que tenho eu com isso?” Nossa Senhora revela a cada um de nós o segredo para alcançarmos a Salvação dando-nos o seu conselho: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Neste convite está bem visível o poder intercessor de Nossa Senhora no céu quando lhe entregamos uma oração. Jesus ainda estava a viver a fase oculta da Sua vida e sentia que ainda não era hora de entrar na fase pública, que ainda não tinha chegado a hora. Mas Nossa Senhora, atenta e cuidadora de tudo, não se detém com essa frase e entrega a situação. Não insiste nem pede um milagre a seguir à resposta de Jesus, mas pede o que está ao seu alcance: pede aos servos que confiem tudo no Seu Filho, porque O conhece e sabe a que é chamado. E é nessa confiança sem condição que acontece o primeiro milagre de Jesus.

Partilha: *Confio a minha oração e as minhas intenções nas mãos de Maria? Como vejo o seu poder cuidador e intercessor?*

Fidelidade | *“...junto à Cruz estava Sua Mãe...”* Jo 19, 25

Repara: Na entrada triunfal em Jerusalém não vemos Maria. Porém, na Cruz, quando todos os outros fugiram, quando todos os Apóstolos – exceto João – que dizem estar dispostos a dar a vida por Ele, O

abandonaram, está lá Sua Mãe. Sempre unida a Jesus, o trono glorioso de Maria é também a Cruz.

Quem anda com Maria irá ter forçosamente à Cruz. Com a Virgem havemos de descobrir o sentido da dor. Ela, isenta de todo o pecado, isenta de todo o mal, não foi isenta do sofrimento.

Partilha: Olhando para momentos de grande alegria e de grandes dificuldades na minha vida, como foi a minha oração? Fui fiel até ao fim? Agradei e confiei sem medida? O que aprendo com Maria aos pés da cruz?

Mãe | *“Mulher, eis aí o teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis a tua Mãe”. Jo 19, 26-2*

Maria, a Mãe de Deus, é também nossa Mãe. Por isso, para chegarmos a Maria temos de nos comportar como filhos. É com intimidade e confiança, com delicadeza filial, com uma devoção carinhosa feita de pequenos gestos que se chega à nossa Mãe do Céu.

Para aprendermos a amar Maria como Jesus, só há uma maneira: entrar na Escola de Nazaré. Ali, como Jesus, seremos discípulos de Maria. Ter como Mestre Sua Mãe. Maria ensina-nos que apesar do facto de ter sido a primeira entre as criaturas humanas admitidas à descoberta de Cristo, nem por isso o seu caminho foi menos difícil: dia a dia precisou de avançar na peregrinação da fé.

A Sua maior alegria será ensinar cada um de nós a penetrar no coração de Seu Filho, para conhecer o Seu amor. Na Escola de Nazaré teremos também condições de saber como Jesus olhava para Maria; que lugar ocupava no Seu coração; como Ele espera que nós A amemos.

Partilha: Que característica da Mãe do Céu mais admiro e quero desejar trabalhar em mim? Como rezo à nossa Mãe do Céu? Em que se traduz na minha vida o facto de ser filho de Maria?

Proposta de Dinâmica

- Procurar conhecer melhor Nossa Senhora, meditando passagens do Evangelho;
- Conhecer melhor a oração do terço.

Proposta de Ponto de Esforço

- Peregrinação a Fátima das EJNS
- Procurar conhecer a devoção e ir ao próximo primeiro sábado, em equipa;
- Corrente de oração mariana em equipa (Ex. Uma dezena por dia até à próxima reunião);
- Procurar ler mais sobre santos de grande devoção a Nossa Senhora.

Para aprofundar

- Tratado da verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, São Luís Maria de Montfort;
- Palavras caladas, Diário de Maria de Nazaré, Pedro Miguel Lamet;
- Os defeitos de Maria, Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada
- Redemptoris Mater, Encíclica de São João Paulo II sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na Vida da Igreja que está a Caminho;
- Capítulo VIII do documento Lumen Gentium do Concílio Vaticano II. Este “Apresenta uma síntese vigorosa da fé e da doutrina da Igreja sobre o tema da Mãe de Cristo, venerada como Mãe amantíssima e como seu modelo na fé, na esperança e na caridade”;
- *Rosarium Virginis Mariae*, Carta Apostólica de São João Paulo II sobre o rosário.



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Jantar:



Oração:



Sobremesa:





NOTAS



Tema VI: A Família



Tema VI: A Família

Leitura

“Filhos, obedecei a vossos pais, no Senhor, pois é isso que é justo. Honra teu pai e tua mãe - tal é o primeiro mandamento, com uma promessa: para que sejas feliz e gozes de longa vida sobre a terra. E vós, pais, não exaspereis os vossos filhos, mas criai-os com a educação e correção que vêm do Senhor.”

(Ef 6, 1-4)

Tema

Jesus nasceu numa Família

Deus decidiu que o seu Filho encarnasse numa Família normal. Ele, que era Pai de Jesus desde a eternidade, quis que Ele nascesse numa família humana, e vivesse os primeiros anos junto da sua Mãe e de José, o seu Pai adotivo. Era uma Família igual a tantas outras famílias anónimas que existiam naquele tempo e continuam ainda hoje a existir. Podemos imaginar como seria o dia-a-dia da Família de Nazaré – uma Família com as suas rotinas diárias, dificuldades e alegrias comuns; como Maria e José cuidaram de Jesus desde pequeno, como O olhavam com ternura, como O iam ensinando à medida que crescia, como Ele os alegrava com as Suas gracinhas, depois com os Seus pequenos sucessos; como os espantava com a Sua sabedoria; como José e Maria procuravam apoio um no outro no dia-a-dia. Muitas vezes, em Família, devem ter comentado algum acontecimento marcante, conversado sobre o futuro, hesitado no seu percurso, tomado decisões difíceis.

“A aliança de amor e fidelidade, vivida pela Sagrada Família de Nazaré, ilumina o princípio que dá forma a cada família e a torna capaz de enfrentar melhor as vicissitudes da vida e da história. Sobre este fundamento, cada família, mesmo na sua fragilidade, pode tornar-se

uma luz na escuridão do mundo” (Papa Francisco, A Alegria do Amor, nº. 66).

A Família como primeira experiência de comunhão

A Família é o lugar onde cada pessoa experimenta o Amor pela primeira vez. O vínculo que o marido e a mulher têm pelo sacramento do matrimônio e o vínculo que os Pais geram com os Filhos quando nascem, conferem a cada membro da Família um sentimento de pertença e de segurança. A Família é o lugar onde se aprende a ser amado por aquilo que se é; o lugar onde, regressados a casa depois de um dia difícil, nos sentimos acolhidos e podemos ser nós mesmos. Por isso, a Família é também o lugar onde cada pessoa, sentindo-se amada, aprende a pedir perdão e a perdoar.

Na Família aprende-se a viver em comunidade, partilhando espaços e tempos, e pondo cada um os seus dons ao serviço do bem de todos – uns destacam-se pela sua alegria, outros pela sua sensatez, uns têm jeito para as artes, outros para a cozinha, uns trabalham, outros estudam; numa Família há espaço para todos.

A Família cristã está fundada na oração, e é habitual haver momentos de oração. O Padre Caffarel salientava que “a oração familiar é muito diferente de um hábito enternecedor: é realmente a atividade primeira, capital, fundamental da família cristã” (Carta mensal, março 1962 — extrato de uma conferência). Além disso, quando a Família se reúne em oração, confronta-se com o Amor de Deus sobre ela, o que constitui um poderoso instrumento para lidar com as dificuldades, de vários níveis, por que todas as Famílias inevitavelmente passam. A este respeito, São João Paulo II dizia que a “Família que reza unida, permanece unida” (*Rosarium Virginis Mariae*, nº 41).

Atitudes cristãs concretas na Família

Nesta comunhão de amor em que a Família cristã vive, as atitudes concretas não estão dependentes dos sentimentos ou da empatia que se tem mais com uns do que com outros. Resultam de *querer o bem do outro*.

Assim, em primeiro lugar, ser filho é ser-se amado; mas acarreta também a tarefa de aprender a ser filho, correspondendo a esse amor

gratuito dos pais. Obedecendo, ajudando, ouvindo com humildade o seu conselho, e, à medida que os pais vão envelhecendo, tendo com eles as mesmas atitudes de serviço, cuidado e paciência que tiveram conosco quando crescemos.

Por outro lado, “a relação entre os irmãos aprofunda-se com o passar do tempo, e ‘o laço de fraternidade que se forma na família entre os filhos, quando se verifica num clima de educação para a abertura aos outros, é uma grande escola de liberdade e de paz. Em família, entre irmãos, aprendemos a convivência humana (...). É precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo. A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afetos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira’. Crescer entre irmãos proporciona a bela experiência de cuidar uns dos outros, de ajudar e ser ajudado. Por isso, ‘a fraternidade na família resplandece de modo especial quando vemos a solicitude, a paciência e o carinho com que é circundado o irmãozinho ou a irmãzinha mais frágil, doente ou deficiente’. Faz falta reconhecer que ‘ter um irmão, uma irmã que te ama é uma experiência forte, inestimável, insubstituível’, mas é preciso ensinar, com paciência, os filhos a tratar-se como irmãos. Esta aprendizagem, por vezes fatigante, é uma verdadeira escola de sociabilidade”. (Papa Francisco, A Alegria do Amor, 194-195).

Por fim, na Família há também lugar para o cuidado para com os mais velhos: “Muitas vezes são os avós que asseguram a transmissão dos grandes valores aos seus netos, e ‘muitas pessoas podem constatar que devem a sua iniciação na vida cristã precisamente aos avós’. As suas palavras, as suas carícias ou a simples presença ajudam as crianças a reconhecer que a história não começa com elas, que são herdeiras de um longo caminho e que é necessário respeitar o fundamento que as precede. Quem quebra os laços com a história terá dificuldade em tecer relações estáveis e reconhecer que não é o dono da realidade. Com efeito, ‘a atenção aos idosos distingue uma civilização’ (Papa Francisco, A Alegria do Amor, nº 192).

Por todas estas razões, São João Paulo II afirmou que a “família é a célula básica da sociedade”: “saem, de facto, da família os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade” (Familiaris Consortio, nº 42).

Crise atual da família

Em contraste com tudo o que se disse, as Famílias atravessam hoje uma profunda crise. Olhando à nossa volta, vemos como as Famílias atuais vivem fechadas em si mesmas; como são afetadas por separações, divórcios e novas uniões. Por outro lado, enquanto se destrói o modelo tradicional de família, a sociedade sugere-nos novos modelos de ‘família’ – ‘famílias’ monoparentais, uniões de pessoas do mesmo sexo, crianças com ‘dois pais’ ou ‘duas mães’. Se calhar na nossa própria Família, de origem ou alargada, vivemos e conhecemos situações destas, por vezes marcadas por grande sofrimento.

Diante desta realidade, muitas vozes clamam pela necessidade de a Igreja se ‘adaptar aos novos tempos’, ou de se ‘modernizar’, reconhecendo estas novas ‘famílias’ como uma variante alternativa da família tradicional.

Não há nenhuma realidade humana que não interesse à Igreja, ou que esta deixe de fora. A Igreja a todos acolhe, com solicitude. Todavia, nunca a Igreja deixa de indicar o caminho da Verdade, o único que pode satisfazer o coração de todos os homens e mulheres. Por isso, esta nova realidade, que nos desinstala e impele a uma maior oração por todas as Famílias, deve fazer-nos regressar à contemplação da Família de Nazaré, mergulhando no seu Mistério, “*no mistério do nascimento de Jesus, no Sim de Maria ao anúncio do anjo, quando foi concebida a Palavra no seu seio; e ainda no Sim de José, que deu o nome a Jesus e cuidou de Maria (..)*” (Papa Francisco, A Alegria do Amor, nº. 65). Neste Sim fiel de Maria ao que lhe era pedido, na dedicação de José ao cuidado de Maria e de Jesus, na obediência de Jesus aos seus Pais, encontraremos o modelo de Santidade para a nossa vida em família.

Proposta de Dinâmica

Fazer individualmente uma lista de rotinas, características ou tradições que valorizamos na nossa própria Família e das quais nos orgulhamos. Escolher uma delas para contar à Equipe.

Proposta de Ponto de Esforço

Pensar naquele membro da nossa Família com quem se tem mais dificuldades de relacionamento e ao longo do mês fazer um esforço sério para o amar (rezar por ele/ rezar com ele/ dialogar com amor/ estar atento ao que precisa/ obedecer ao que pede).

Para Aprofundar

- Bishop Barron, Biblical Family Values: 
- Simão de Belém, Memórias de José, Lucerna, 2017
- Pe. Duarte da Cunha, Pensar e decidir em família, Paulus, 2017
- Exortação Apostólica Familiaris Consortio de São João Paulo II: 
- Exortação Apostólica Amoris Laetitia do Papa Francisco: 
- Catecismo da Igreja Católica, “O quarto mandamento”: 



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema VII: Balanço



Tema VII: Balanço

Leitura

“Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: ‘Filho, vai hoje trabalhar na vinha.’ Mas ele respondeu: ‘Não quero.’ Mais tarde, porém, arrependeu-se e foi. Dirigindo-se ao segundo, falou-lhe do mesmo modo e ele respondeu: ‘Vou sim, senhor.’ Mas não foi. “Qual dos dois fez a vontade ao pai?” Responderam eles: “O primeiro”.

(Mt 21, 28-31)

Tema

Nesta reunião, em vez de tratarmos um tema, fazemos um balanço do que foi este tempo em equipa, desde que começámos. É importante que, todos os anos, a reunião antes do Verão (tempo de descanso e de pausa nas reuniões) seja dedicada a olhar para o ano que passou, a fim de que a equipa possa evoluir no futuro. À semelhança das outras reuniões, esta também precisa de preparação - uma avaliação cuidada e verdadeira daquele que tem sido o nosso caminho, juntos. É fundamental lembrarmos aquilo que nos traz aqui todos os meses: conhecer e amar Jesus Cristo, que Se torna presente na minha vida e nos outros à minha volta.

Para avaliar, é importante ter um padrão, reconhecer aquilo a que aspiramos. Já conhecemos melhor o movimento, mas talvez ajude reler o tema referente ao Carisma das EJNS. Aqui ficam também algumas pistas.

Na Carta Internacional, o documento que define as EJNS, lemos que: *“As Equipas de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) são um movimento de formação espiritual que propõe aos seus membros um caminho de crescimento cristão e humano em comunidade, em equipa. Através de um caminho de oração, de partilha e de estudo, o equipista busca e aprofunda os valores sobre os quais assentam as*

suas escolhas de vida. Para isto, o Movimento confia em Maria, escolhendo-A como modelo de acolhimento e disponibilidade, pela ação do Espírito Santo. A pedagogia das Equipas de Jovens de Nossa Senhora ajuda os seus membros a viver a dupla dimensão da vida cristã: estar com Cristo e ser enviado em missão no nosso quotidiano.”

Este texto curto ajuda-nos a desenhar uma aspiração - o objetivo das nossas reuniões é o de nos ajudarmos uns aos outros, e aprendermos nós próprios a saber estar com o Senhor e a viver todos os dias em missão. Para isto, e em equipa, reunimo-nos uma vez por mês para rezar, partilhar, debater um tema e definir um objetivo para alcançarmos em conjunto.

Em todas as reuniões devemos avaliar o que se passou - o que aprendemos, como podemos aplicá-lo no dia-a-dia, que temas queremos aprofundar, o que precisamos de trabalhar na nossa vida, entre outros. Ajuda escrever estes pontos-chave, para mais tarde ser fácil lembrar cada reunião. Procuramos identificar frutos que as reuniões dão nas nossas vidas: se aumentou o nosso amor a Jesus, se participamos mais na vida de Igreja, se nos envolvemos no movimento (que, sendo “de jovens para jovens” precisa do meu contributo para ser cada vez mais o que Deus sonha que venha a ser), se me sinto chamado a dar testemunho de Jesus àqueles que estão à minha volta, se nos são dadas respostas de fé às questões que temos no dia-a-dia. Além disso, não esquecemos uma dimensão crucial das equipas: o facto de que fazemos esta caminhada juntos, em equipa - e por isso, juntos, em equipa, devemos continuamente reforçar a importância deste modelo familiar que seguimos e perceber se vivemos como verdadeiros irmãos na fé.

Proposta de Dinâmica

Individualmente, fazemos um exame de consciência - que depois discutiremos em equipa. O objetivo não é gabar-me do que fiz bem, nem me castigar pelo que fiz mal -mas antes identificar pontos fortes, para que eu mantenha e os outros aprendam; e pontos fracos, para que eu os trabalhe com a ajuda e dicas do resto da equipa.

Avaliar pode ser difícil - que dimensões são relevantes? Em que me devo focar? Acima de tudo, os pilotos, o casal e a discussão em equipa são fundamentais para percebermos onde estamos e onde queremos chegar. Aqui ficam alguns pontos que nos podem ajudar.

1. A minha equipa

Como foi a chegada à equipa? Integrei-me e fiz por me integrar na minha equipa?

Fiz por integrar os outros? Ou fiquei triste por não estar com os amigos com quem me tinha inscrito, e deixei que isso fosse o mais importante? Em retrospectiva, vejo nesta equipa uma comunidade da qual fui chamado a fazer parte, e por cuja santidade sou também responsável?

Como vejo os meus pilotos? Reconheço neles alguém com mais experiência dentro do movimento, que procura guiar-me neste caminho nas EJNS? São meus amigos? Ou desvalorizo a sua presença, penso que pouco contribui para o meu crescimento?

Como é a minha relação com o meu casal? Vejo no casal um exemplo de vida cristã? Os valores que quero seguir? Tento esclarecer junto deles as minhas dúvidas? Valorizo a sua opinião, ou tenho dificuldade em encaixá-la nas minhas crenças?

O que fiz pela minha equipa? Até agora, comprometi-me verdadeiramente com a minha equipa? Faltei a muitas reuniões? Vi as reuniões como um jantar com amigos, ou dei-lhes prioridade, como o caminho para o crescimento na Fé que deveriam ser? Voluntario-me para as tarefas da equipa?

2. As reuniões

Jantar: O jantar é um momento fundamental para conhecer os outros e nos darmos a conhecer, e para que a nossa equipa seja, também, um grupo de amigos. Como estou no jantar - disposto a dar-me ou fechado na minha vida, quer seja com aqueles que já eram meus amigos ou através do telemóvel? Tento puxar pelos que estão mais calados? De um ponto de vista logístico, voluntario-me para a preparação do jantar? Ajudo o casal a preparar e a arrumar a cozinha?

Tema: Preparei os temas com atenção? Foi difícil perceber o objetivo de cada tema? Achei que os temas correspondiam à minha realidade? Aprendi e procurei saber ainda mais sobre aquilo que me estava a ser proposto, dedicando, por isso, mais estudo e tempo aos temas? Consigo identificar o desafio que cada um dos temas traz à minha vida? Os temas ajudam-me a crescer na Fé? (Pode ajudar olhar para o caderno e rever cada um dos temas que já foi trabalhado, partilhando se deu frutos ou não). Quando preparei o tema, tentei que se adaptasse a todos os membros da equipa? Quando houve discussão, procurei saber a opinião da Igreja, e partilhá-la com a minha equipa?

Oração: Como correm as orações em equipa? Dedicamos-lhes tempo suficiente, criamos um ambiente que ajude a rezar, exploramos diferentes métodos de oração, pedimos ajuda a quem possa ajudar (um padre, os pilotos, o casal, ...)? Estas orações ajudam-me a aprofundar a minha relação com Jesus? E com a equipa - reconheço na oração em equipa uma ajuda fundamental para crescermos juntos? E quanto aos pontos de oração sugeridos nos temas, dou-lhes tempo durante o mês? Rezo pela minha equipa, e pelas Equipas? Peço a intercessão de Nossa Senhora nas minhas orações?

Partilha: Preparo a minha partilha? Como a encaro, que utilidade lhe encontro? Reconheço um instrumento para crescimento pessoal e na amizade com a equipa? Limito-me a relatar o mês ou vou ao fundo da questão do que me traz ali? Levo a minha partilha a sério, ou custa-me partilhar com os outros, porque não me sinto à vontade? A partilha é a altura ideal para expor as dificuldades e inquietações – estou atento e predisposto a ouvir o que os outros equipistas têm para dizer? Todos partilham e ouvem os outros com interesse, ou deixamos a partilha para o fim e acaba a ser apressada e com pouco conteúdo? Guardei para mim aquilo que foi partilhado pelos outros membros da equipa?

Ponto de Esforço: Esforcei-me por definir pontos de esforço exigentes, mas possíveis? Empenhei-me para os cumprir, ou esqueci-me deles até à reunião seguinte? O ponto de esforço serviu-me para aplicar os conhecimentos que ganhei ao debater os temas, crescendo como cristão, no amor a Deus e aos outros? Sinto que o ponto de esforço dá continuidade à reunião durante o resto do mês? Disse em

cada reunião se cumpri o ponto de esforço ou não e justifiquei porquê?

3. Geral

Como tem sido o meu caminho nas EJNS? Tenho crescido na fé? Aprofundei a minha relação pessoal com Deus? Sinto-me desafiado, estimulado, impelido a conhecer este amor tão grande que Jesus tem por mim?

Eleger o Responsável!!

Proposta de Ponto de Esforço

- Não deixar passar o verão sem uma atividade diferente em equipa (missa, terço, piquenique, fim-de-semana, entre outras);
- Rezar pelas Equipas do mundo inteiro, principalmente as que estão em mais dificuldades;
- Ler algo que me ajude a aprofundar a fé durante o verão;
- Rezar a proposta de verão das EJNS durante as férias;
- Rezar o Magnificat, oração das EJNS.



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema VIII: Jovens, o agora de Deus



Tema VIII: Jovens, o agora de Deus

Leitura

“Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.”

(Mt 5, 13-16)

Tema

Estar nas Equipas de Jovens de Nossa Senhora significa que estás a viver uma das fases mais espetaculares da tua vida e da qual te lembrarás para sempre com saudade: a juventude!

O mundo de hoje diz-nos muitas coisas sobre a juventude, de como passa rápido e de como é preciso “viver o momento” fazendo tudo como se hoje fosse o último dia. E embora o mundo esteja bem-intencionado e se possa retirar sempre coisas boas disso, a proposta cristã é diferente. Nas palavras do Papa Francisco, viver a juventude é deixar-se iluminar pelo anúncio do Evangelho com alegria e entusiasmo!

O Papa diz-nos ainda: “Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi «atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulse nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegámos, tende a paciência de esperar por nós.”

(Exortação Apostólica Cristo Vive, n.º 299).

Então, de que forma podemos viver este tempo centrados nesta novidade que é a vida de Jesus?

1. O Jovem Cristão na escola/ universidade

Enquanto jovens cristãos, somos chamados a encarar esta fase como já parte do plano de Deus para nós. É uma fase em que começamos a perceber qual será a nossa vocação profissional e é o próprio Deus que conta conosco para a área que escolhermos para que mais tarde possamos vir a contribuir para a construção do Seu Reino. Mas esse Reino também pode ser começado a construir agora no presente, e, para isso, no estudo é muito importante ter sempre em vista a Verdade. A verdade a aprender, a estudar, a estabelecer objetivos, a dar provas, com os professores e colegas.

Estar verdadeiramente empenhado na missão que hoje o Senhor me confia. Um jovem cristão entrega sempre o estudo para que aquele momento não sirva apenas para concretizar o simples objetivo de passar no exame, mas sim para que contribua mais tarde para o bem comum. O jovem cristão não tem medo de errar e de escolher outros caminhos, porque a juventude é um tempo de sonhar e experimentar, de falhar, aprender com os erros, tentar outra vez e acertar. Quando se tem Jesus no centro e O conhecemos cada vez melhor, conhecemo-nos também cada vez mais e assim verás que esta fase de estudante será bastante mais tranquila. Estar com verdade nas coisas é vivê-las inteiramente, de todo o coração, deixando que essa experiência ensine algo e faça crescer. E só cresce quem está atento e tem o coração disponível.

2. Jovem Cristão no início do trabalho

Depois da faculdade vem aquela fase inicial da vida profissional onde pode acontecer gostarmos muito do nosso trabalho e sermos de facto muito úteis, ou passarmos pela fase de “estagiário” em que sentimos que não estamos a fazer nada daquilo que imaginámos que seria a nossa profissão. De qualquer das formas, esta é mais uma fase onde somos chamados a “meter Deus ao barulho”. É importante confiar em Deus no processo e aproveitar a aprendizagem, treinando a humildade e o espírito de serviço. É uma altura onde aprendes a estar em equipa

e a viver em sociedade. Um jovem cristão tenta sempre contribuir para um clima de paz e harmonia e tenta encontrar no que está a fazer um sentido e uma contribuição para o bem comum.

“O facto de uma pessoa saber que não faz as coisas por fazer, mas com um significado, como resposta a uma chamada – que ressoa nas profundezas do seu ser – para contribuir com algo a bem dos outros, faz com que estas atividades deem ao próprio coração uma particular experiência de plenitude.” (Exortação Apostólica *Cristo Vive*, n.º 273)

3. Unidade de vida

Tal como terás oportunidade de aprofundar ao longo deste caderno de pilotagem, verás que o jovem cristão se deixa iluminar pela novidade do evangelho em todas as dimensões da sua vida, porque quando Jesus é o nosso centro tudo o resto se deixa animar por Ele:

- Na família e nos amigos, companheiros de juventude, ver sempre Jesus em cada rosto;
- Em Igreja, perceber onde sou chamado a estar. A Igreja precisa dos jovens, por isso fazer-me próximo, dar e receber!
- Em sociedade, onde é cada vez mais difícil ser cristão, saber ser esta voz no deserto. Estar no mundo, mas com olhar crítico, nunca perdendo a compaixão e o sentido de caridade para com quem mais precisa.

Ao jovem cristão é também pedida uma coisa muito importante: a unidade de vida. Ser católico é ter a marca de Jesus e isso exige responsabilidade. Durante toda a nossa juventude seremos chamados a ser coerentes com esta amizade que levamos, e daí que, em todas as dimensões da nossa vida - nos estudos, no trabalho, quando nos vamos divertir com os nossos amigos - Jesus não fica à porta. Jesus acompanha-nos, faz parte de nós em cada segundo da nossa vida, ilumina-nos para que através de nós possa também iluminar o mundo. Nunca nos podemos esquecer que quem olha para um cristão olha para a Igreja. O nosso testemunho tem o poder de aproximar as pessoas da Igreja ou de Deus, pela nossa oração e pelas obras de caridade. Por outro lado, do nosso contra--testemunho, do nosso

pecado, pode acontecer que se cause o escândalo, algo muito grave porque leva os outros a afastarem-se da Igreja e de Jesus.

Jesus também foi jovem. Que seja Ele o primeiro a inspirar-te a uma santa Juventude!

Pontos de Discussão

- Na minha experiência pessoal, quais os maiores desafios de ser um jovem? E quais as maiores potencialidades? É a mesma coisa para um jovem cristão?
- Qual é a importância que damos ao nosso estudo? E à nossa vida de estudantes? Deus faz parte deste nosso dia-a-dia? O estudo que fazemos é numa base de verdade?
- Quais estão a ser as nossas opções de hoje para a vida do futuro? Em que medida, vivo a minha vida hoje com os olhos postos no futuro, não deixando de viver o presente?
- Que relação tenho tido com as pessoas com quem me cruzo diariamente? O que é que pode ser modificado?

Proposta de Dinâmica

Fazer um exercício de pensar o futuro: onde cada um imagina o seu futuro, seja concretamente ou apenas 'luzes' daquilo que quer ser, e depois olhar para o 'hoje' e perceber o que quero mudar.

Proposta de Ponto de Esforço

Quem prepara a reunião faz uma lista de Santos jovens (Ex. Beato Pier Giorgio Frassati, Santa Teresinha do Menino Jesus, São Luís Gonzaga, São Francisco e Santa Jacinta Marto, Beata Chiara Luce Badano, ect.), sendo depois distribuídos pelos membros da equipa, que procuram saber mais sobre eles e viver o seu exemplo ao longo do mês.

Para Aprofundar

- Exortação Apostólica “Cristo Vive” do Papa Francisco



- Passagem bíblica da Casa de Betânia, os amigos de Jesus: Marta, Maria e Lázaro (Lc 10, 38-42).



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema IX: O Perdão



Tema IX: O Perdão

Leitura

“Rezai, pois, assim: ‘Pai nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino; faça-se a tua vontade, como no Céu, assim também na terra. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia; perdoa as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Mal. Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai celeste vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o vosso Pai vos não perdoará as vossas.”

(Lc 11,2-4)

Tema

A necessidade de perdoar e de pedir perdão

Quantas vezes já ficámos magoados com alguma coisa que nos fizeram - uma ofensa, uma ingratidão, uma calúnia, uma traição...?

O que significa perdoar? Perdoar não é negar o mal que foi feito, nem implica aceitá-lo ou dizer que foi bem feito. Não significa conformação, superficialidade ou indiferença. Perdoar não é sinal de fraqueza; não perdoamos apenas porque não temos uma resposta pronta ou para “arrumar” o assunto depressa. Tudo isto são razões puramente humanas para desculpar, ou esquecer. Mas não são as razões de Jesus.

Como cristãos, perdoamos porque queremos amar da maneira que Jesus ama. Lendo no Evangelho a vida de Jesus, vemos como Ele não espera que as pessoas sejam perfeitas como condição para as amar. Jesus oferece o Seu amor completo a todos enquanto ainda estão em caminho, enquanto ainda são pecadores. Ama cada um de

nós desde a eternidade, e ama-nos apesar de falharmos todos os dias na correspondência ao Seu amor por nós.

Por isso, para perdoarmos à maneira de Jesus não precisamos que o outro reconheça antes o seu erro, não precisamos de avaliar a gravidade da ofensa, não precisamos de ajuizar se o outro merece ser perdoado. Perdoamos porque decidimos amar o outro; perdoamos porque queremos reintegrá-lo no amor. O nosso perdão não está refém da atitude do outro, é livre, gratuito e toma a iniciativa.

E quantas vezes pedimos perdão aos outros pelas vezes que os ofendemos? Temos o hábito de pedir perdão aos nossos Pais, irmãos, amigos, quando os magoamos? Ou disfarçamos e vamos à nossa vida, esperando que se esqueçam do que fizemos porque gostam de nós? Quantas vezes vamos mesmo ter com o outro e pedimos mesmo com palavras o perdão por algo que fizemos?

Pedir perdão é um ato de justiça, pois todos merecem ser amados e tratados como filhos de Deus. Reconhecer a ofensa é devolver a dignidade àquele a quem ofendemos.

E, por fim, como nos sentimos depois de perdoarmos alguém? Ou depois de nos perdoarem a nós? Não sentimos que valeu a pena esse ato de perdão? A nossa oração não se enche de alegria e o nosso espírito não fica mais leve e com vontade de recomeçar de novo?

O Pecado

As ofensas que fazemos aos outros e a Deus chamam-se pecados, e os pecados destroem-nos porque rompem a amizade com Deus e afastam-nos do Amor e da Felicidade para os quais fomos criados. Além disso, os pecados inclinam-nos para o mal, pelo que nos tornam mais suscetíveis de pecar ainda mais.

O problema é que no mundo atual se perdeu o sentido do pecado. A lei natural que está inscrita no coração de todo o Homem e ajuda a distinguir o bem do mal, está adormecida, sufocada pelas ideias que nos são constantemente impostas pelos media e pelas redes sociais de que tudo é relativo e o mais importante é “sentirmo-nos bem connosco próprios”, ou que “só sabe amar quem se ama a si

próprio acima de tudo”. Somos tentados a pensar que até somos bonzinhos - afinal, não matamos nem roubamos, não fazemos mal a ninguém... - e afirmamos muitas vezes, em relação a tanta coisa, “mas qual é o mal?!”.

Como cristãos, temos o dever de procurar formar bem a nossa consciência, e temos vários meios para o fazer ao longo da vida: a presença semanal na missa de Domingo, as aulas de catequese ou religião, a formação oferecida pelos movimentos a que pertencemos, boas leituras, o conselho de sacerdotes, etc.. À medida que vamos crescendo na Fé, à medida que nos vai sendo revelada a dimensão do Amor de Deus por nós, vamos descobrindo muitas das nossas imperfeições e somos capazes de ir fazendo um exame de consciência mais sincero e completo. Quando mais perto se está da Luz, mais visíveis ficam os pequenos traços de “sujidade” da nossa alma. Nessa altura, poderemos descobrir como, apesar de “não matarmos, nem roubarmos”, pecamos todos os dias, com a nossa impaciência, com a nossa inveja, com as nossas insinuações e maledicências, com a nossa preguiça, com o sarcasmo que humilha o outro, com a maneira como instrumentalizamos os outros para os nossos propósitos, com as nossas mentiras. Pecamos em relação a Deus quando O negamos ou recusamos a Sua Graça. Pecamos até por omissão, de todas as vezes em que deixamos de fazer o bem que estava ao nosso alcance, como quando recusamos ajuda a quem precisa.

O perdão de Deus - o sacramento da **Reconciliação**

No Evangelho encontramos várias parábolas que nos falam da alegria que Deus sente de cada vez que alguém se arrepende do mal que cometeu - a parábola do filho pródigo, a parábola da dracma perdida, a parábola da ovelha perdida.

É porque Deus permanentemente nos chama de volta ao Seu Amor e deseja que voltemos a ser Seus amigos, que nos oferece o perdão sacramental. A confissão não é uma invenção da Igreja. Foi o próprio Jesus que instituiu o sacramento quando disse aos seus Apóstolos: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes ser-

lhes-ão retidos” (Jo 20, 22-23). A confissão é um sacramento, o que significa que é um sinal visível da graça de Deus, pelo qual a vida divina nos é oferecida.

Porquê confessar-se a um Padre? Porque não “diretamente a Deus”, como tanta gente afirma atualmente?

- Porque Jesus instituiu o sacramento, dizendo que são os Apóstolos que têm o poder de perdoar em Seu nome;

- Porque, por isso, a Igreja ensina, e a nossa Fé confirma, que o Sacerdote que ouve em confissão é o próprio Jesus, e a absolvição que nos dá por meio da fórmula “Eu te perdoo dos teus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” é o Perdão de Deus. Por isso, a confissão sacramental é “diretamente a Deus”, por meio do Sacerdote;

- Porque a experiência total do perdão não envolve apenas a participação do nosso interior, mas de todo o nosso corpo: a confissão obriga-nos a acusarmo-nos dos nossos pecados, e dizê-los em voz alta ajuda-nos a tomarmos consciência deles;

- Porque a confissão é uma oportunidade de ouvirmos algum conselho que nos ajude a perseverar no caminho, a evitar as tentações e a corrigir os nossos defeitos;

- Porque pela confissão Deus não se limita a “desculpar-nos”. Através do sacramento da confissão recebemos a graça que nos santifica e transforma.

Confessarmo-nos é restabelecemos a amizade perdida com Deus. E como afirma o Papa Francisco: “Deus nunca se cansa de estender a mão.” (Bula Papal -Misericordiae Vultus).

Proposta de Dinâmica

1. Durante uns minutos fazer individualmente um exame de consciência

https://www.santidade.net/folhetos/Exame_jovens.pdf

Incluir no exame a reflexão sobre alguma situação concreta em que somos chamados a perdoar ou a pedir perdão a alguém.

2. Debater em Equipa estas questões:

- Quais são as razões que habitualmente apontamos como desculpa para não perdoar, ou para não pedir perdão? Como é que confrontamos estas desculpas com a proposta cristã do perdão?
- Qual a diferença entre perdão e reconciliação, vingança e justiça, entre perdoar e esquecer?
- Parábola do filho pródigo: por que razão o Pai celebrou o regresso do filho pródigo? O irmão mais velho tem motivos para ficar zangado com a situação? Com quem te identificarias nesta parábola e porquê?

Proposta de Ponto de Esforço

Dois pontos de esforço complementares:

- Ir confessar-se, receber o sacramento da reconciliação (não esquecer de fazer com tempo um bom exame de consciência);
- Procurar reconciliar-se com um amigo ou familiar de quem nos tenham afastado, ou com quem estejamos “menos bem”, por causa de algo que fizemos ou que nos tenham feito. Toma a iniciativa!

Para Aprofundar

- Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada: “Eu, pecador, me confesso diretamente a Deus...”



- Bishop Barron sobre o Arrependimento:



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema X: A Eucaristia



Tema X: A Eucaristia

Leitura

“Quando chegou a hora, pôs-Se à mesa e os Apóstolos com Ele. Disse-lhes: “Tenho ardentemente desejado comer convosco esta Páscoa, antes de padecer, pois digo-vos que já não a comerei até ela ter pleno cumprimento no reino de Deus.” Tomando uma taça, deu graças e disse: “Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira até chegar o reino de Deus”. Tomou, então pão e, depois de dar graças, partiu-o e deu-lhes dizendo: “Isto é o Meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em Minha memória”. Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no Meu sangue, que por vós se vai derramar.”

(Lc 22,14-20)

Tema

“A Eucaristia é um acontecimento maravilhoso no qual Jesus Cristo, nossa vida, se faz presente.”

(Papa Francisco, Audiência Geral 08.11.17)

O Catecismo da Igreja Católica diz-nos que: “O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício Eucarístico do Seu Corpo e Sangue, para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até voltar, o sacrifício da Cruz, confiando à Igreja, Sua esposa amada, o memorial da Sua morte e Ressurreição: Sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, Banquete Pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da Glória futura.” (nº 1323)

Para um cristão, a Missa tem tanto de fundamental como de difícil. É desafiante explicar a importância da Missa, como é desafiante vivê-

la bem - mas é uma parte crucial da nossa Fé. A Missa não é apenas um conjunto de rituais, mais ou menos constantes ao longo do tempo, cujo simbolismo um cristão valoriza. A Missa é o sacrifício da Cruz a acontecer perante os nossos olhos, mais uma vez - e, se acreditamos que Jesus morreu por nós, não pode ser apenas um hábito que vivemos com a leveza das rotinas de domingo!

Por tudo isto, explicar a Missa num tema de meia dúzia de páginas não é só ambicioso - é impossível! Felizmente, temos padres, casais e pilotos que nos podem ajudar. Aqui deixamos apenas algumas luzes para discussão que devem, sem dúvida, ser complementadas - nada como ir à missa, muitas vezes e com muita devoção, para começar a percebê-la!

Uma pequena introdução à Missa

“O que é essencialmente a Missa? A Missa é o memorial do Mistério pascal de Cristo. Ela torna-nos partícipes da sua vitória sobre o pecado e a morte, e confere pleno significado à nossa vida.” (Papa Francisco, Audiência Geral, 22.11.17)

Ao longo de 2000 anos de História, um grande número de cristãos, no mundo inteiro, participou e resistiu até à morte para defender a Eucaristia. E ainda hoje, milhares por todo o mundo continuam a arriscar a sua vida para estarem presentes na Missa dominical. Isto deve ser para nós, um motivo para procurarmos o sentido e o porquê de tudo o que vamos vivendo nos vários tempos da Santa Missa e de que forma participamos neste Sacramento, onde fazemos parte deste Memorial da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor.

Conta-se que nos interrogatórios dos primeiros cristãos perseguidos, muitos falavam sobre a necessidade de celebrarem o Domingo, motivo pelo qual tantas vezes se juntavam nas casas uns dos outros e conseqüentemente eram presos. Eles diziam que se não podiam celebrar o Domingo, não poderiam viver, já que sem a Eucaristia (a celebração do Domingo) a sua vida morreria. Deste modo, reconheciam a Fonte da Vida Cristã: este encontro com Jesus sacramentado.

O Papa Francisco recorda-nos que “A Eucaristia leva-nos sempre ao ápice da ação de salvação de Deus: o Senhor Jesus, tornando-se pão partido para nós, derrama sobre nós toda a sua misericórdia e o seu amor, como fez na cruz, de modo a renovar o nosso coração, a nossa existência e a nossa forma de nos relacionarmos com Ele e com os irmãos.” (Audiência Geral, 22 de Novembro de 2017)

Jesus não pediu que registassem as Suas palavras numa Escritura, nem que a Sua bondade ficasse gravada na História; pediu apenas que recordassem a Sua morte redentora. E para que essa memória não fosse entregue ao acaso das narrativas humanas, Ele próprio instituiu a maneira como devia ser lembrada.

Essa memória foi instituída na noite anterior à Sua Morte e, desde então, se chamou “A Última Ceia”. Tomado o pão nas Suas mãos, Jesus disse: “Isto é o Meu Corpo que será entregue por vós, fazei isto em memória de Mim”. Tomou também depois, da mesma maneira, o cálice, dizendo: “Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados, fazei isto em memória de mim”. (Lc 22, 19-20)

E, assim, num símbolo incruento (sem crueldade, sem sangue derramado) da separação do Sangue e do Corpo, pela consagração do Pão e do Vinho, Cristo ofereceu-Se à morte, à vista de Deus e dos Homens, para que os homens nunca se esquecessem que jamais Homem algum dera maior prova de amor do que Aquele que renunciava à vida em favor dos Seus amigos, e deu à Igreja esta ordem divina: “Fazei isto em memória de Mim”. No dia seguinte, realizou cruentamente o que já havia antecipado na véspera. Foi crucificado e o Seu Sangue foi derramado pela redenção do mundo. Cada vez que se celebra a Missa fazemos memória deste Amor derramado por nós.

A Igreja que Cristo fundou, não só preservou a palavra que Ele proferiu como ainda o ato que praticou, no Sacrifício da Missa, em que recordamos a Sua morte na Cruz - nesta memória da última Ceia e renovação do Sacrifício do Calvário, onde Jesus oferece a Sua vida por cada um de nós. O Papa Francisco diz-nos ainda que *“Penso que agora é mais claro que a Páscoa se torna presente e ativa todas as vezes que*

celebramos a Missa, ou seja, o sentido do memorial. A participação na Eucaristia faz-nos entrar no mistério pascal de Cristo, concedendo-nos a oportunidade de passar com Ele da morte para a vida, ou seja, no calvário. A Missa significa percorrer o calvário, não é um espetáculo.” (Audiência Geral, 22 de Novembro de 2017)

Por esta razão, a Missa é, para nós, onde culmina a amizade cristã, é no altar onde se renova este Memorial, que se continua a selar esta amizade de Deus connosco, é no encontro dominical que encontramos *“a força para viver o presente com confiança e coragem, e para progredir com esperança”*. (Papa Francisco, Audiência Geral, 13.12.17)

Deste modo, a celebração da Eucaristia é centro da vida da nossa Igreja e nós vamos à Missa ao Encontro deste Senhor Ressuscitado, mas sobretudo para nos deixarmos encontrar por Jesus, ouvir a Sua Palavra, alimentar-nos da Sua mesa e sermos Igreja, o Seu Corpo místico no mundo, como nos lembra o Santo Padre.

A Santa Missa

A Eucaristia é um sacramento e é fonte de toda a vida cristã. Os restantes sacramentos, assim como tudo o que faz parte da Igreja, estão diretamente ligados com a Missa. A comunhão de vida com Deus e a unidade do Seu povo, pelas quais a Igreja é o que é, ganham significado e são realizados pela Eucaristia.

Numa audiência de quarta-feira, o Papa Francisco falava sobre a importância de irmos à missa: *“Como podemos responder a quem diz que não é preciso ir à Missa, nem sequer aos domingos, porque o importante é viver bem, amar o próximo? É verdade que a qualidade da vida cristã se mede pela capacidade de amar, como disse Jesus :«Disto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35); mas como podemos praticar o Evangelho sem haurir a energia necessária para o fazer, um domingo após o outro, na fonte inesgotável da Eucaristia? Não vamos à Missa para oferecer algo a Deus, mas para receber dele aquilo de que verdadeiramente temos necessidade. Recorda-o a oração da Igreja, que assim se dirige a Deus: «Tu não precisas do nosso louvor, mas por um dom do teu amor chamas-nos a dar-te graças; os nossos hinos de bênção não*

umentam a tua grandeza, mas obtém para nós a graça que nos salva» (Missal Romano, Prefácio comum IV) (Audiência Geral, 13 de Novembro de 2017)

Em síntese, por que ir à Missa aos domingos? Não é suficiente responder que é um preceito da Igreja; isto ajuda a preservar o seu valor, mas sozinho não basta. Nós, cristãos, temos necessidade de participar na Missa dominical, porque só com a graça de Jesus, com a sua presença viva em nós e entre nós, podemos pôr em prática o seu mandamento, e assim ser suas testemunhas creíveis.”

Como se chama este Sacramento?

A riqueza inesgotável deste Sacramento exprime-se nos diferentes nomes que lhe são dados. Cada um relembra alguns dos seus aspetos. Chamamos-lhe:

- Eucaristia (que quer dizer ação de graças), porque é ação de graças a Deus.
- Ceia do Senhor, porque se trata da ceia que o Senhor comeu com os discípulos na véspera da Sua paixão.
- Fração do Pão, porque este rito, próprio da refeição dos judeus, foi utilizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família, sobretudo durante a última ceia. É por este gesto que os discípulos O reconhecerão depois da Sua ressurreição e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas. Querem com isso significar que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com Ele e formam um só corpo n'Ele.
- Assembleia Eucarística, porque a Eucaristia é celebrada em assembleia de fiéis, expressão visível da Igreja.
- Santo Sacrifício, porque atualiza o único sacrifício de Cristo Salvador e inclui a oferenda da Igreja; ou ainda Santo Sacrifício da Missa, «*Sacrifício de louvor*» (Heb 13, 15), Sacrifício espiritual, Sacrifício puro e santo.

- Santa e Divina Liturgia, porque toda a Liturgia da Igreja encontra o seu centro e a sua expressão mais densa na celebração deste sacramento; no mesmo sentido se lhe chama também celebração dos Santos Mistérios. Fala-se igualmente do Santíssimo Sacramento, porque é o sacramento dos sacramentos. E, com este nome, se designam as espécies Eucarísticas guardadas no sacrário.

- Comunhão, (que significa união) pois é por este sacramento que nos unimos a Cristo, o qual nos torna participantes do Seu Corpo e do Seu Sangue, para formarmos um só corpo.

- Santa Missa, porque a liturgia em que se realiza o Mistério da Salvação termina com o envio dos fiéis (*missio*), para que vão cumprir a vontade de Deus na sua vida quotidiana.

As várias partes da Missa

A Missa está dividida em cinco etapas. A primeira, os **Ritos Iniciais**, caracteriza-se por tomarmos consciência de quem realmente somos e, com as nossas fragilidades e fortalezas, reconhecermos em Deus o Seu verdadeiro amor por cada um de nós. Um Deus que Se dá gratuitamente e totalmente a nós, amando sem medidas. Assim, no Ato Penitencial reconhecemos que somos pecadores diante de Deus e dos irmãos e recebemos o perdão dos pecados veniais.

Surge depois o momento da **Liturgia da Palavra**. Corresponde às Leituras, ao Salmo e ao Evangelho, sendo também compreendida a parte em que o Sacerdote nos explica o conteúdo das leituras, a homilia. Deus fala ao próprio homem: expõe as suas exigências e dá a conhecer a Sua redenção e salvação. A resposta damos-la nós no Salmo, na Profissão de Fé (Oração do Credo) e na Oração Universal (Oração dos Fiéis).

A **Liturgia Eucarística**, é o terceiro momento. Aqui já não há ensino, pregação ou meditação. Impera a linguagem de amor da oração, do coração a coração com o próprio Deus. Importa manter-se em sintonia com o ritmo de oração da comunidade. Importa o silêncio de Deus que se diz no Cristo Ressuscitado e vivo no meio de nós pela fé. E, ajoelhado em adoração, olhar para Jesus Sacramentado quando

o sacerdote O eleva. Este é um momento de grande solenidade e importância, um verdadeiro milagre que acontece diante dos nossos olhos e diante do qual somos chamados a contemplar, com o coração e o corpo, o próprio Deus que Se torna presente no pão e vinho consagrados.

O **Rito da Comunhão** é o auge do encontro: é tocar no próprio Corpo do Senhor e Ele próprio tocar o nosso. É o mistério de comunhão do qual fomos criados e para o qual somos gerados, por amor divino. É o mistério que nos realiza plenamente e nos coloca participantes, uns com os outros, daquele amor pleno e total gerado entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O projeto é identificares-te com o próprio Jesus Cristo; converte-te e acredita no Evangelho.... É esta a tua história com o Pai! Para ser verdadeiro e frutuoso, participa do momento da comunhão sacramental os que estão em comunhão com Deus e a Sua Igreja, em estado de graça, confessados dos seus pecados e em união obediente com a proposta de vida da Igreja para os seus fiéis.

Por fim, nos **Ritos de conclusão** recebemos a bênção final, tendo o mesmo sentido da bênção dada por Jesus aos seus discípulos após a Sua ressurreição, quando Jesus os enviou para pregarem pelo mundo a palavra de Deus. A Eucaristia celebra a entrega de Cristo ao Pai. Nela descobrimos o caminho único na construção de uma civilização do Amor e da Paz. Saímos da Missa enviados para a missão.

E o que significa este Sacramento?

"Fazei isto em memória de Mim" (Cor 11, 24-25) - cumprimos esta ordem do Senhor celebrando o memorial do Seu sacrifício. E fazendo-o, oferecemos ao Pai o que Ele próprio nos deu: os dons da sua criação - o pão e o vinho tornados pelo poder do Espírito Santo e pelas palavras de Cristo no Corpo e no Sangue do mesmo Cristo; assim Cristo torna-se real e misteriosamente presente. Temos, pois, de considerar a Eucaristia:

- Como Ação de graças e louvor ao Pai,
- Como Memorial sacrificial de Cristo e do Seu Corpo,

- Como presença de Cristo pelo poder da sua Palavra e do seu Espírito.

A comunhão, receber Vida Nova

O Senhor dirige-nos um convite insistente a que O recebamos no sacramento da Eucaristia: *“Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”* (Jo 6, 53). Para responder a este convite, devemos preparar-nos para este momento tão grande e santo. São Paulo exorta a um exame de consciência: *“Quem comer o pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, cada qual a si mesmo e então coma desse pão e beba deste cálice; pois quem come e bebe, sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe a própria condenação”* (1Cor 11, 27-29). Ou seja, não devemos comungar conscientes de um pecado grave sem que antes nos confessemos.

A Igreja impõe aos fiéis a obrigação de “participar na divina liturgia nos domingos e dias de festa” e de receber a Eucaristia ao menos uma vez em cada ano, se possível no tempo pascal, preparados pelo sacramento da Reconciliação. Mas recomenda-lhes vivamente que recebam a santa Eucaristia aos domingos e dias de festa, ou ainda mais vezes, mesmo todos os dias.

Pontos de Discussão

- Vou à Missa todos os domingos? Se não, porquê? Se sim, poderia tentar ir durante a semana?
- Percebo as várias partes da Missa?
- Qual é o lugar da Palavra de Deus na minha vida? Costumo ler a Bíblia? O que é que procuro nela? O que faço para a perceber melhor? Procuro ler as Leituras da Missa antes da celebração, ou mesmo na véspera?
- “Se não comerdes a minha carne, não tereis a vida em vós”. Estou convencido da importância da Eucaristia para alimentar a minha vida espiritual?

Proposta de Dinâmica

Convidar um Padre para estar presente na reunião e na discussão do tema, ou para celebrar uma missa explicada.

Proposta de Ponto de Esforço

- Rezar durante algum tempo depois da Missa terminar, para dar graças a Deus;
- Combinar ir um dia à missa, durante a semana, em equipa.

Para Aprofundar

- Catecismo da Igreja Católica n.º 1322-1419 e Youcat n.º 208-223
- Audiências Gerais do Papa Francisco sobre a Santa Missa: 
- Instrução Redemptionis Sacramentum: 
- Ele está aqui! Peças soltas sobre a Eucaristia, Aura Miguel e João César das Neves, Lucerna, 2005.



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema XI: O Natal



Tema XI: O Natal

Leitura

“Na mesma região encontravam-se uns pastores que pernoitavam nos campos, guardando os seus rebanhos durante a noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor refulgiu em volta deles; e tiveram muito medo. O anjo disse-lhes: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura.» De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado.»”

Lc 2 (8-14)

Tema

“Que seria de mim sem o Natal? Que seria de mim sem a alegria que se vive neste tempo, sem as promessas de paz e as tréguas nos conflitos; sem a generosidade organizada que me sossega a consciência?

Que seria de mim sem o bacalhau, o bolo-rei e as rabanadas, sem os postais de boas-festas e as cidades iluminadas; sem os presentes que damos e recebemos, sem os Presépios e as árvores de Natal?

Sem tudo isto que uma vez por ano faz diferente a minha vida, sentiria um vazio, uma falta.. uma saudade. Mas não é disto que falo, destas pequenas coisas e tradições. Falo da sua verdade, da sua origem e do seu Autor.

É que se não tivesse acontecido o Natal, não teria conhecido nem Jesus, nem Maria, nem José; não teria havido Paixão, nem Cruz, nem

Redenção; não teria a graça do perdão para os meus pecados, nem o Pão da Eucaristia como alimento.

Se não tivesse acontecido o Natal, não teria a Igreja como o lugar que me acolhe, me educa e me conduz; viveria entregue a mim próprio, condicionado pelos meus desejos, viveria solitário e sem destino.

Se o Natal não fosse o que foi, esse facto histórico, tão concreto e tão transcendente, de um Menino chamado Jesus que nasceu de uma Mãe chamada Maria.. o Natal seria uma história bonita, mas não mudava a minha vida. Mas o Natal aconteceu, e Deus veio ao meu encontro.. e a minha vida mudou. Porque agora sei quem sou, de onde venho e para onde vou.”

Rui Corrêa d'Oliveira

Pai natal, centros comerciais decorados, bacalhau, peru, árvore de natal, presentes, amigos secretos, jantares de família, calendários de chocolate, iluminações na rua, músicas de natal em todo o lado. Quando pensamos no Natal, se calhar muitas das vezes as primeiras imagens que nos assaltam o pensamento são estas mesmas. Mas onde se encaixa no meio disto tudo o Presépio?

Claro que é importante alegrarmo-nos com todo o “folclore” do Natal, porque é de facto uma época de festa porque vem aí a salvação do mundo! Somos nós, os Cristãos, que temos esta responsabilidade de lembrar ao mundo o significado das luzes. É importante saber parar no tempo de Natal: poder chegar ao dia 24 à noite tendo arranjado um tempo para refletir sobre o significado de tudo isto, separado de todo o folclore. Se não houvesse tudo isto, era Natal na mesma. Jesus nasce em Lisboa, Porto, Évora, Paris, Nova Iorque, numa aldeia perdida no meio da Rússia, numa ilha deserta no Pacífico, no deserto do Saara. Jesus nasce em todo o lado e para todos, quer haja luzes na rua, quer não haja.

Mas voltemos um pouco atrás... O que é, na verdade, o Natal?

O Natal é a concretização do plano de Deus para a humanidade. Deus ama-nos tanto que decide enviar o Seu próprio Filho para viver no meio dos homens. Jesus vem ao nosso encontro, mostra-nos o caminho e caminha connosco. Um Deus feito homem que se veste

como nós, come como nós, fala como nós, chora como nós! E nasce pequeno numa família como nós! Não fica na sua “torre de marfim”, mas vem para ter uma relação pessoal connosco.

A isto chamamos de Encarnação. A Encarnação vem do amor de Deus pelos homens: “Nisto se manifestou o amor de Deus para connosco, em que Deus enviou ao mundo o seu Filho único, para que vivamos por Ele” (1 Jo 4, 9). A Encarnação é a maior demonstração do Amor de Deus para com os homens, já que nela é o próprio Deus que se entrega aos homens, fazendo-se participante da nossa natureza, na unidade da pessoa. É verdadeiro Deus e verdadeiro Homem!

Depois da queda de Adão e Eva no Paraíso, a Encarnação tem uma finalidade salvadora e redentora, como dizemos no Credo: *“por nós homens e para nossa salvação, desceu dos céus e encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem”*. *Mais tarde foi o próprio Jesus que disse de Si mesmo que veio para buscar e salvar o que estava perdido e que “Deus não enviou seu Filho para condenar o mundo, mas que o mundo fosse salvo por Ele”* (Jo 3,17).

E isso só acontece através do amor. Amar e salvar não são duas coisas, são uma só. Jesus veio à terra para nos ensinar a amar. Quando conhecemos Jesus, quando estamos com Ele, quando O ouvimos, e O vemos amar, sabemos então amar e estaremos salvos.

Belém é o ponto de viragem no curso da História. Em Belém, há mais de dois mil anos, depois de Maria ter dito que Sim, a História muda. Já não estamos mais sozinhos, Jesus nasce e desde então não nos deixa.

A proposta que te fazemos é olhar cada Natal como a primeira vez que conhecemos Jesus, tal como os reis magos, os pastores, os homens daquele tempo. Que cada Natal seja o início de uma vida nova, em que naquela Criança vejamos o Homem que dá sentido à nossa vida, o Homem que, mais tarde, por amor a ti e a mim morrerá na cruz, para que possamos viver para sempre. Ao conhecermos Jesus de coração aberto, com amor, saberemos então quem somos, de onde

vimos e para onde vamos, porque Ali está a resposta a todos as nossas perguntas. Ali, na manjedoura está Aquele que determinará o que farás com a tua vida. Deixa-te enamorar por este Deus Encarnado, e aí decide a tua história, para que assim o dia de Natal seja todos os anos o primeiro capítulo da tua história de amor com Deus.

Jesus nasceu em Belém, numa gruta porque as estalagens “não tinham espaço” para O receber. Por isso, este ano, e daqui para a frente, o desafio que te propomos é este: não seres mais uma das estalagens daquele tempo. Em vez disso, abre espaço na tua vida e no teu coração para que Jesus possa realmente nascer em ti, e nos que te rodeiam, para que a verdadeira Luz e a que brilha com mais força seja a Luz do Menino Jesus em ti.

“Há uma Esperança que se sobrepõe a todo o desespero! Há uma Vida que vence todas as formas de morte! Há um Amor que destrói todo o medo... E chega sem darmos por isso... Como um Menino indefeso que surge na noite... E inaugura uma Luz que não acaba. Confia. Acolhe. Vive. Para sempre!”

(Pe. Hugo Gonçalves)

Pontos de Discussão

- Como vivo o Advento e que frutos nascem deste tempo?
- Como é vivido o Natal em minha casa?
- O que tem de diferente o Natal em relação às outras alturas do ano?
- Como celebro o Natal nas escolhas que faço? Qual a importância da família na história do Natal?

Proposta de Dinâmica

Colocar num saco as várias personagens do presépio e tirar, sem ver, um papel. Relacionar aquela personagem com a minha vida e, em especial, de que forma quero estar perto de Jesus este Natal.

Proposta de Ponto de Esforço

Para o sucesso de qualquer projeto, festa, acontecimento ou encontro, é preciso que se viva bem a sua preparação. Por isso, propomos:

- Nos domingos de Avento ir à Missa em equipa e/ou família;
- Montar um presépio onde todos os dias se junte a família para rezar

Para Aprofundar

- Youcat - pontos (7, 8, 9) que pertencem ao segundo capítulo da primeira parte (“Deus aproxima-Se de nós, seres humanos”);
- Capítulo “O Príncipe e a Lavadeira” do livro com o mesmo nome, escrito pelo Padre Nuno Tovar de Lemos, sj;
- Os “Contos de Natal” e “Deixem-me falar-vos do impossível” de João César das Neves.
- Carta do Papa Francisco sobre o Presépio - Admirável Sinal



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema XII: A Amizade



Tema XII: A Amizade

Leitura

“A Deus nunca ninguém O viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o Seu amor chega à perfeição em nós. Damos conta de que permanecemos n’Ele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do Seu Espírito.” (Jo 4, 12-16)

Tema

Fazer amigos

Para Aristóteles, a amizade é a coisa mais necessária para a vida; de modo que, *“o homem feliz necessita de amigos”*. (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*). *Nenhum de nós gostaria de viver sem amigos. Mesmo que tivéssemos todos os bens do mundo, esta prosperidade não nos serviria de nada porque não poderíamos de ela tirar partido para fazer o bem, e este fazer o bem exercita-se através da amizade - “é próprio do amigo fazer o bem”* (Aristóteles).

A amizade reside também na reciprocidade; sem ela, a amizade é impossível. Posso ser muito amigo de alguém, mas se esse alguém não é igualmente meu amigo, se não estamos ambos empenhados em cuidar e fazer crescer a nossa relação, a amizade dificilmente terá futuro ou dará frutos.

Nos Evangelhos, Jesus fala-nos de amizade e manifestações de amizade. Neles encontramos muitos testemunhos e muitos exemplos da amizade com que se tratavam os primeiros cristãos: os discípulos falam sobre Jesus aos seus amigos, a pregação do Evangelho é feita entre amigos - *“Vede como eles se amam”*, exclamavam os Pagãos, segundo Tertuliano (Apologia, 39). No Evangelho de S. João há afirmações bem explícitas da amizade de Jesus por nós: *“chamei-vos amigos”* (Jo 15,15), e referindo-se a Si mesmo: *“Ninguém tem mais*

amor do que quem dá a vida pelos seus amigos.” (Jo 15,13). O choro pela morte do seu amigo Lázaro, a tristeza perante a deserção do jovem rico, o diálogo com Judas no horto das oliveiras, são mostras da amizade de Jesus, da intimidade com os Seus amigos.

O cristianismo dá à amizade um sentido também transcendente, até então desconhecido: o homem é capaz de se relacionar com Deus em posição de amizade. Pela sua natureza, a amizade implica benevolência e amor mútuo.

Esta amizade com Deus é tanto maior quanto maior for a nossa amizade com os outros, com aqueles com quem estamos todos os dias ou que em alguma altura na nossa vida se cruzaram connosco e acabaram por ficar.

Crescer com os amigos

Os amigos vão aparecendo ao longo de toda a vida. Uns vêm desde sempre, outros conhecemos na escola, nas atividades, na praia... outros só mais tarde, na faculdade ou até já no trabalho. Vêm por si ou são amigos de amigos. Uns não ficam muito tempo, só enquanto estamos juntos todos os dias, outros só tiveram alguns dias connosco, mas ficam para sempre.

Manter amigos não é fácil! Manter amigos antigos ainda menos fácil é. Crescer com amigos implica aceitar as diferenças que se vão criando. Por isso mesmo conseguimos perceber que era tão mais fácil fazer amigos quando éramos pequeninos.

Por isto a amizade tem também que ser um espaço de abertura, de despudor, onde com a maior das humildades nos abrimos ao outro e partilhamos aquilo que pensamos, aquilo que gostamos ou não, aquilo que nos inquieta... porque apenas ao nos darmos verdadeiramente a conhecer poderemos conseguir fazer crescer a amizade e, conseqüentemente, crescer conjuntamente com estes amigos.

Ao nos aproximarmos dos amigos encontramos uma oportunidade de nos aproximarmos de Jesus.

Os amigos levam-nos para mais perto de Jesus porque nos conduzem a um exercício diário do amor, da aceitação do outro, da construção de uma unidade a partir das diferenças...

É muito possível que amigos que nem sequer acreditam em Deus nos façam aproximar muito d'Ele e crescer muito na fé. Porque a sua descrença pode ser um desafio que nos desinstala, que nos faz procurar saber mais para que possamos explicar melhor tudo aquilo em que acreditamos e o porquê de acreditarmos.

Por isto mesmo é muito importante não pormos critérios na escolha dos nossos amigos. É natural que, instintivamente, nos aproximemos mais daqueles com quem temos mais coisas em comum. No entanto, fechar, logo à partida, a porta a amizades que nos parecem menos óbvias pode ser muito errado, podendo estar a ser desperdiçadas oportunidades incríveis de crescimento, de aperfeiçoamento de algum traço de personalidade e até mesmo de conversão - tanto nossa como dos outros.

A amizade é um espaço de crescimento na fé, onde recebemos Jesus, mas onde também o levamos, passando a fazer um caminho conjunto até ao céu.

Manter os amigos

Os amigos são uma parte fulcral da nossa vida. Por isso mesmo têm que ser tratados como um bem precioso, cuidados e preservados.

Os frutos das amizades são evidentes: confiamos sentimentos, emoções, experiências que nos marcam. Quantas vezes isto não reduz substancialmente o peso da nossa cruz ou aumenta, espantosamente o tamanho da nossa alegria?

Há amizades que falham porque assentam apenas no esforço sincero de uma das partes. A amizade é uma história recíproca. Há pessoas que se lamentam da falta de amigos ou que olham para trás no tempo e veem que não conseguiram manter muitas amizades, muitas delas especiais.

Serei um bom amigo se me relacionar com os meus amigos ao jeito de Jesus: com empenho, confiança, dedicação. Dando o meu amor sem medida, tal como Jesus o deu por nós.

Manter amizades pode também passar por “dar a outra face”, tal como Jesus ensina. Por saber reconhecer quando erramos, mas também por ceder, por vezes.

A cena da visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel mostra-nos como a amizade é algo de especial e que se pode (re)descobrir pela vida fora. Senão, vejamos:

1. Maria corre para ajudar Isabel - a amizade é um desejo de estar próximo; é uma disponibilidade para ajudar;
2. A alegria do encontro - a amizade é essa alegria pura de um simples encontro;
3. O cântico do Magnificat - a amizade é um dom de Deus que nos faz dar graças.

Lembremo-nos que a vocação para os amigos, para estar presente de forma especial nas suas vidas, tal como Jesus esteve especialmente presente na vida dos apóstolos, é uma vocação tão válida como todas as outras, que merece todo o nosso empenho e toda a nossa oração e discernimento.

Proposta de Dinâmica

Leilão de “Atitudes” de amizade: Faz-se uma lista com todas as atitudes que são importantes numa amizade (atenção, disponibilidade, sinceridade, etc.). Divide-se a equipa em três grupos Cada um tem algumas moedas para gastar na “compra” das atitudes que mais valoriza. No fim cada um dos grupos faz a descrição do “amigo ideal” que tem as atitudes que conseguiram ganhar em leilão, explicando o preço que estiveram dispostos a pagar por cada uma.

Proposta de Ponto de Esforço

- Combinar um programa lúdico em equipa: um jantar só para conversar, um piquenique, uma ida ao cinema, um fim de semana...
- Combinar um encontro com um amigo que não se vê há muito tempo.

Para Aprofundar

- Porque é tão complicado fazer amigos? (Ascension Presents)
- Homília do Papa Francisco na Casa de Sta. Marta, 14 de Maio de 2018



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Jantar:



Oração:



Sobremesa:





NOTAS



Tema XIII: Viver em Compromisso



Tema XIII: Viver em Compromisso

Leitura

“Estando eles a ouvir estas coisas, Jesus acrescentou uma parábola, por estar perto de Jerusalém e por eles pensarem que o Reino de Deus ia manifestar-se imediatamente. Disse, pois:

«Um homem nobre partiu para uma região longínqua, a fim de tomar posse de um reino e em seguida voltar. Chamando dez dos seus servos, entregou-lhes dez minas e disse-lhes: ‘Fazei render a mina até que eu volte.’ Mas os seus concidadãos odiavam-no e enviaram uma embaixada atrás dele, para dizer: ‘Não queremos que ele seja nosso rei.’

Quando voltou, depois de tomar posse do reino, mandou chamar os servos a quem entregara o dinheiro, para saber o que tinha ganho cada um deles. O primeiro apresentou-se e disse: ‘Senhor, a tua mina rendeu dez minas.’ Respondeu-lhe: ‘Muito bem, bom servo; já que foste fiel no pouco, receberás o governo de dez cidades.’ O segundo veio e disse: ‘Senhor, a tua mina rendeu cinco minas.’ Respondeu igualmente a este: ‘Recebe, também tu, o governo de cinco cidades.’ Veio outro e disse: ‘Senhor, aqui tens a tua mina que eu tinha guardado num lenço, pois tinha medo de ti, que és homem severo, levantas o que não depositaste e colhes o que não semeaste.’ Disse-lhe ele: ‘Pela tua própria boca te condeno, mau servo! Sabias que sou um homem severo, que levanto o que não depositei e colho o que não semeei; então, porque não entregaste o meu dinheiro ao banco? Ao regressar, tê-lo-ia recuperado com juros.’ 24E disse aos presentes: ‘Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem dez minas.’ Responderam-lhe: ‘Senhor, ele já tem dez minas!’

Digo-vos Eu: A todo aquele que tem, há-de ser dado, mas àquele que não tem, mesmo aquilo que tem lhe será tirado. Quanto a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os cá e degolai-os na minha presença.» Dito isto, Jesus seguiu para diante, em direção a Jerusalém.” (Lc 19, 11–27)

Tema

O Compromisso Cristão

Compromisso: Aqui está uma palavra que assusta muito boa gente. Deriva de "promessa", e significa "fazer a promessa de estar com". Parece simples, mas não podia ser mais exigente. Quer dizer que quando há um compromisso há uma promessa, "uma forma de se vincular ou assumir uma obrigação com alguém, com algum objetivo. A palavra-chave aqui é o ocupado. O compromisso obriga a assumir que as EJNS vão ocupar tempo e espaço na vida. Mas vão também ocupar e fazer parte dos vossos interesses, ajudar-vos com os problemas e o mais importante de tudo é que vos vão ajudar, se Deus quiser e com o exemplo de Nossa Senhora, na vida espiritual. Esta última é a verdadeira intenção do nosso movimento.

Porque é que assusta muita gente? Porque é que é uma palavra "pesada"? Porque implica responsabilidade e obrigação – uma vez firmado o compromisso, é preciso garantir que seja cumprido. Por outro lado, o facto de se hesitar em fazê-lo é sinal que não se encara qualquer compromisso de ânimo leve, o que é positivo. Mas a dificuldade em comprometer-se não poderá ser preguiça, desleixo, desinteresse ou fuga?

Posso estar e viver comprometido quando me "meto" nalguma atividade ou desporto, quando combino ir tomar um café com um amigo, quando decido fazer voluntariado, num estágio, em trabalhos de grupo, em casa, com a minha família, no sítio onde estudo ou trabalho, num namoro, quando vou à Missa, na minha oração... tantos exemplos e alguns até já falados e aprofundados em reuniões passadas.

Muitas vezes, sem pensarmos, a forma como nos entregamos e vivemos os nossos compromissos diz muito sobre a nossa maneira de ser e como estão a nossa cabeça e o nosso coração: "Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração" (Mt 6, 21). Por exemplo, a falta de pontualidade sistemática (não aquela que se deve a um imprevisto);

a falta de dedicação, perfeição e empenho que coloco em alguma tarefa quando o entusiasmo inicial parece ter terminado; o não cumprir com a minha palavra; o quebrar promessas; o afirmar uma coisa e agir de forma incoerente quer pelo tempo que é exigido ou pelo trabalho que requer, ou por aquilo a que tenho de dizer “não” para poder dizer “sim”. Apesar de todos termos defeitos e da nossa pequenez que nos faz falhar, precisamos de ter algumas coisas em mente:

1. **Saber escolher os nossos compromissos**, em função daquilo que Deus nos pede. Na maioria dos compromissos somos chamados a fazer sacrifícios, pequenos ou grandes, que irão mais tarde dar sentido à nossa vida. É preciso rezar para se decidir bem.
2. **Para se viver autenticamente em compromisso é preciso ser-se persistente**, e não “viver por ondas”. Não desistir nem desanimar.

O maior compromisso e, sem dúvida, o mais exigente que temos na nossa vida é a nossa fidelidade a Deus, enquanto cristãos.

Um compromisso para um cristão é vivido a full-time, é viver a sua primeira vocação de batizado: seguir Cristo. Este é um compromisso que não pode ser adiado para daqui a umas horas, para quando acabar o curso, para quando começar um trabalho, entrar no seminário ou casar.

O compromisso começa aqui e agora. Exige perseverança e humildade de nos reconhecermos necessitados deste Amor.

Como nos dizia São João Paulo II: “Não tenhais medo de abrir as portas a Cristo”, é tempo de abrir as portas a Cristo e viver de modo apaixonado e absoluto este encontro com Jesus, e as EJNS são um caminho para isso.

O Papa Francisco lembrou-nos também disso na Jornada Mundial da Juventude no Panamá: “Vós, queridos jovens, não sois o futuro. Gostamos de dizer-vos: «Sois o futuro...» Mas não é verdade! Vós sois

o presente! Não sois o futuro de Deus; vós, jovens, sois o agora de Deus. Ele convoca-vos, chama-vos nas vossas comunidades, chama-vos nas vossas cidades, para irdes à procura dos avós, dos adultos; para vos erguerdes de pé e, juntamente com eles, tomar a palavra e realizar o sonho que o Senhor sonhou para vós.

Não amanhã; agora! Pois, onde agora está o teu tesouro, aí está também o teu coração (cf. Mt 6, 21); e, aquilo que vos apaixonava, conquistará não apenas a vossa imaginação, mas envolverá tudo. Será aquilo que vos faz levantar de manhã e incita nos momentos de cansaço, aquilo que vos abrirá o coração enchendo-o de maravilha, de alegria e de gratidão. Senti que tendes uma missão e apaixonai-vos por ela, tudo dependerá disto (cf. Pedro Arrupe S.J., Nada és más práctico). Poderemos ter tudo; mas, queridos jovens, se falta a paixão do amor, faltará tudo! A paixão do amor hoje! Deixemos que o Senhor nos faça enamorar e nos leve para o amanhã!"

Deus compromete-Se com cada um de nós

Deus revela-Se ao longo da história através dos profetas até enviar o Seu próprio Filho, cumprindo assim plenamente a Sua promessa. O Seu amor é sem condições, pois mesmo antes de eu O conhecer Ele já me amava. Aquilo que verdadeiramente dá paz ao nosso coração e nos alegra de maneira permanente é saber que Deus nunca nos vai deixar de amar, que Ele não desiste de nós, não Se cansa de nos perdoar, não deixa de Se fazer presente na nossa vida, todos os dias, a cada momento! Com o tempo, e cada vez que O conheço melhor, aprendo que só Ele me projeta para uma felicidade plena, mas para isso tenho que me deixar moldar, abandonando-me assim como o barro nas mãos do oleiro. Sabendo isto, Deus desafia-me a amá-Lo e a amar o próximo com o Seu amor. Mas se quero amar tenho que me comprometer e deixar os meus medos de lado, pois amar trata-se de estar sempre com o outro, nos momentos bons e menos bons.

Ser cristão é um compromisso que assumo com Jesus Cristo

Quando se acredita em algo de que gostamos muito, queremos muito vivê-lo – e é exatamente isso que acontece com a nossa relação com Deus. Se algum dia acharmos que a nossa amizade não pode crescer mais então é muito claro: nunca chegámos a conhecer verdadeiramente o Seu amor. Num compromisso com Jesus não basta dizer “sim” em voz alta ou colocar por escrito como noutros contratos. Não O conseguimos enganar, apesar de às vezes tentarmos... Devemos procurar pensar mais como Deus pensa e isso dar-nos-á a graça de conhecê-’O e amá-’O mais. Depois de experimentar esta amizade e o verdadeiro Amor de Deus por cada um de nós, queremos comprometer-nos de uma forma mais exigente na nossa vida: nas nossas amizades, no local onde estudamos ou trabalhamos, em casa.

Esta tomada de consciência do Seu amor e da nossa pequenez apenas é atingida pela oração: só rezando e acreditando no poder da oração poderemos dar-nos conta da proximidade de Deus e da sua vontade, e perceberemos o que nos pede, que compromissos nos pede para com Ele.

Se às vezes é difícil? Sim, sem dúvida, muitos são os desafios de fidelidade com que somos confrontados. Começemos por nos treinarmos a ser fiéis no pouco e assim o seremos no muito. Esperamos muito trabalho pela frente, pelo que devemos ser persistentes, sempre reconfortados pela certeza de que essa felicidade é real, possível e Ele nunca nos deixa sós.

O compromisso nas EJNS

Em primeiro lugar, fazer parte de uma Equipa de Jovens significa fazer parte da Igreja. Apesar de não sermos todos iguais e de termos diferentes compromissos que nos definem, há um que nos é comum nas nossas reuniões e escolhemos em equipa torná-lo mais forte: o nosso compromisso com Deus.

Ao longo deste ano é importante ter percebido que eu tenho um papel nesta equipa e que o devo desempenhar. Assim, em cada reunião tenho de procurar dar um pouco mais de mim e reconhecer o que recebo de Deus todos os meses. Contudo, a minha equipa deve ser vista não só como um espaço privilegiado de crescimento e conforto, mas como algo que me projeta para a minha vida do dia-a-dia, lembrando-me que um encontro por mês com Deus não basta e por isso, precisamos de ser exigentes na oração diária, na frequência dos sacramentos, na forma como tratamos a nossa família, os nossos amigos, de que maneira santificamos o nosso estudo/trabalho e estamos presentes nas outras atividades da vida do movimento.

Comprometendo-me com a minha equipa devo procurar “vestir a camisola” daquilo em que acredito:

- Procurar conhecer cada vez mais o espírito do Movimento; não apenas participar nas reuniões mensais, mas sobretudo procurar uma coerência entre a fé cristã, as próprias palavras e os atos da vida do dia-a-dia;
- Encontrar-me pessoalmente com Cristo, viver com Ele e aceitar a missão que me dá;
- Fazer uma descoberta consciente da minha vocação pessoal;
- Aceitar Maria como modelo da minha vida, minha Mãe e guia que aponta para Jesus;
- Ter a atitude de acolhimento e escuta do outro, na perspetiva de uma ajuda mútua; aceitar a importância de pôr os meus dons à disposição dos outros, comprometendo-me pessoalmente num apostolado e em qualquer serviço da Igreja ou do mundo.
- Perceber que a vida do Movimento depende da minha participação ativa (individual e em equipa) e estar disposto a aceitar as responsabilidades que me forem pedidas. (Doc. Nacional EJNS)

A responsabilidade nas EJNS

“Nas EJNS todas as responsabilidades são asseguradas pelos jovens. O assumir de um compromisso é, acima de tudo, uma resposta interior a um chamamento. Não se trata de cumprir um dever, mas de dizer um sim pessoal a Deus. A responsabilidade nas EJNS não é, por isso, uma obrigação, mas um serviço que se aceita pelos outros”

(Carta Internacional, Cap. III).

Nas equipas não há chefes, nem presidentes, mas apenas responsáveis e esses temos de ser todos. Uns são responsáveis pela Noites de Oração, outros pelas Quotas, outros pelos Ficheiros, mas todos temos a responsabilidade ainda maior de saber receber e de saber dar aos que estão à nossa volta o que de melhor há nas EJNS. Somos um movimento de jovens ao serviço e comprometidos com outros jovens.

O testemunho de tantos e tantos responsáveis de equipa, de setor, nacionais e internacionais é unânime: assumir uma responsabilidade no Movimento é muito gratificante. Conduz-nos a um compromisso mais intenso de oração (proximidade com Deus), a uma participação mais séria na nossa equipa, a uma presença mais ativa na vida do Movimento e, como resultado de tudo isto, a uma alegria maior em pertencer às Equipas, à Igreja e a Cristo. Por isso, faz parte da nossa passagem pelas EJNS assumirmos responsabilidades, pois são elas que nos fazem crescer na Fé e põem em prática os talentos que Deus nos deu.

Pontos de Discussão

- Quando me comprometo com Deus, devo dizer sim a tudo? Será que o meu compromisso com Ele implica dizer não a alguma coisa? E se sim, a quê?
- De que modo é que, em termos concretos, comprometer-me em e na equipa é comprometer-me com Deus? O que é o Compromisso

que as pilotagens fazem no Encontro Nacional? Tenho consciência do que isso implica?

- “Que queres que faça, Senhor?” terá perguntado, vezes sem conta, S. Francisco Xavier. É uma pergunta que lhe surgia a partir do desejo de autoconhecimento e do desejo de Deus. É uma pergunta importante para articular os desejos de Deus com os nossos.

Proposta de Dinâmica

Convidar o responsável de setor ou algum outro membro de secretariado a vir à nossa reunião de equipa.

Proposta de Ponto de Esforço

- Irem juntos à noite de oração das EJNS;
- Combinarem irem à missa juntos, em equipa, num dia da semana;
- Participarem todos numa atividade das EJNS;
- Antes da reunião rezar e preparar um compromisso concreto, pequeno e possível que vou fazer. Assumi-lo diante da Equipa e partilhar nas próximas reuniões se o estou a cumprir

Para Aprofundar

- Carta Internacional das EJNS, Cap. III e Cap. V
- Documento Nacional das EJNS, Cap. III (3.4) e Cap. IV



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema XIV: A Vocação



Tema XIV: A Vocação

Leitura

“Encontrando-se junto do lago de Genesaré, e comprimindo-se à volta dele a multidão para escutar a palavra de Deus, Jesus viu dois barcos que se encontravam junto do lago. Os pescadores tinham descido deles e lavavam as redes. Entrou num dos barcos, que era de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra e, sentando-se, dali se pôs a ensinar a multidão. Quando acabou de falar, disse a Simão: «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca.» Simão respondeu: «Mestre, trabalhamos durante toda a noite e nada apanhámos; mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes.»

Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe. As redes estavam a romper-se, e eles fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar. Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de se irem afundando. Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.» Ele e todos os que com ele estavam encheram-se de espanto por causa da pesca que tinham feito; o mesmo acontecera a Tiago e a João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão.

Jesus disse a Simão: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens.» E, depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus.”

(Lc 5, 5-11)

Tema

O que é a Vocação?

A origem das palavras é sempre um bom ponto de partida: a palavra «Vocação» relaciona-se com a palavra «voz», que vem do verbo latino «vocare», isto é, «chamar». Significa, pois, apelo, chamamento.

Ao longo da história de Deus com o seu povo esta característica do chamamento foi sempre marca da Sua Ação, faz parte da Sua Revelação.

O Senhor chama-nos a todos a um encontro diário com Ele ao longo da nossa vida, o Papa Francisco recorda-nos: “Isto tem um grande valor, porque coloca toda a nossa vida diante de Deus que nos ama, permitindo-nos compreender que nada é fruto dum caos sem sentido, mas, pelo contrário, tudo pode ser inserido num caminho de resposta ao Senhor, que tem um projeto estupendo para nós.” (Exortação Apostólica Cristo Vive, nº 248)

O que não é a Vocação?

Em primeiro lugar, a vocação não é um sentimento e não se pode reduzir a um sentimento. Não nos devemos esquecer que amor não é um sentimento, mas uma decisão, um ato da vontade. Ouvimos dizer tantas vezes: mas eu não sinto nada! Há imensas coisas e situações em que eu não sinto ao nível do sensível, mas daí não posso concluir nada. Por exemplo, quantas vezes eu não sinto nada pelo meu trabalho ou por aquela disciplina que estou a fazer - e, ainda assim, sei o que devo fazer!

A vocação também não é uma profissão. A profissão pode coincidir (com a vocação), bem como o sentimento, mas não se confundem com o chamamento vocacional. A tendência ou “jeito” para exercer uma determinada profissão pode ser “sentido” como um apelo. Mas a Vocação, como orientação de toda a vida, é diferente da

aptidão natural ou tendência, embora a possa incluir. É bem diferente um processo para encontrar uma opção para toda a vida e um, muitas vezes mal chamado, discernimento das carreiras profissionais. A vocação pode incluir múltiplas profissões e variadas aptidões. Também não é só para alguns. Só para pessoas especiais e sobredotadas. É para todos e a todos diz respeito. Assim, ninguém pode dizer que não tem vocação, pois seria o mesmo que dizer: não sou gente, não vivo... Todo e cada homem possui uma orientação, uma dinâmica própria a assumir, ainda que de diversos modos. É necessário deixarmos para trás a ideia de que a vocação é uma espécie de toque mágico que alguns tiveram a sorte de ter.

A vocação não é predestinação. Só pensando no homem sem liberdade e pensando num Deus prepotente é que nos poderíamos inclinar para uma visão onde tudo já está determinado, onde tudo já está “escrito”. Assim, não teríamos capacidade de escolha, tudo já estaria escolhido. Seríamos umas marionetas.

Se somos chamados, somos chamados a quê e para quê?

Somos chamados à Santidade, uma chamada que o Senhor faz a cada um de nós: «sede santos, porque Eu sou santo» (Lv 11, 45; cf. 1 Ped 1, 16). Durante o Concílio Vaticano II reforçou-se vigorosamente esta chamada a todo o povo de Deus: «munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho». (Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja nº 11).

O Papa Francisco lembrou-nos que somos chamados a ser santos e a fazer da nossa vida um caminho de Santidade, e dedicou até uma Exortação Apostólica, a essa chamada à Santidade. Essa é a vocação universal de cada baptizado, um dom de Deus, que é fruto da Sua Graça.

“Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade

esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais.

Deixa que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade. Deixa que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar. Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade e, no fundo, esta é o fruto do Espírito Santo na tua vida (cf. Gal 5, 22-23).” (Exortação Apostólica “Alegrai-vos e Exultai” n°14 e n°15)

Vocações Específicas na Igreja

Em toda a Bíblia podemos ver os encontros que o Senhor teve com os profetas, os cegos, os apóstolos, as multidões, os paralíticos. São histórias e narrações de chamamentos, são narrativas de vocação. São episódios de encontros.

Estas histórias são simples e muitas vezes fazem-nos pensar “se fosse assim tão fácil deixar tudo”, mas na verdade, elas não são simples. Estas histórias tocam verdadeiramente o essencial, que é um encontro profundo e marcante com Jesus que nos transforma a vida para sempre e nos faz desejar responder a este Amor.

Cada cristão é chamado a diferentes caminhos e a diferentes respostas ao Espírito Santo, na Igreja. Não devemos pensar que ter vocação é só ser chamado para ser Padre, Freira ou Frade. Há mais hipóteses. Logo, é preciso fazer o discernimento necessário.

O chamamento à vida laical, cuja missão é fazer com que o Espírito Santo chegue, de alguma maneira, a todo o lado. Aqui, surgem os leigos consagrados. Cada vocação corresponde a um carisma, um dom de Deus e dentro de cada vocação há modos pessoais de viver. Cada homem, escutando o Espírito Santo no seu interior, terá de discernir o seu caminho cristão. E temos também aqui o sacramento do matrimónio, que se caracteriza pelo facto de um homem e uma mulher se sentirem chamados, em conjunto, a viver uma dupla missão em Cristo, pela qual optam por viver de tal maneira que sejam visíveis a presença e o amor de Deus. Este caminho começa com o namoro, lugar e tempo onde se começa a perceber que é naquela relação que se quer estabelecer uma “morada permanente”.

O chamamento ao Sacerdócio (bispos, padres e diáconos), através do sacramento da Ordem. Este sacramento revela outra dimensão de Cristo. Confere a quem o recebe a graça de poder exercer os ministérios da Igreja. Trata-se de uma vocação de serviço: a de um homem que se dispõe a ter como ideal o serviço da fé e da administração da graça, identificando-se com Cristo-Sacerdote.

O chamamento à vida consagrada (freiras/frades, monjas/monges, padres, irmãs/irmãos, leigos/as consagrados/as), que é, sobretudo, testemunho de radicalidade e o ser sinal escatológico do Reino. Mostrar que o Reino de Deus não é deste mundo, mas posso vivê-lo desde já, deixando o que é relativo e passageiro. E isso manifesta-se pelos votos (obediência, pobreza e castidade) que são uma forma de entregar toda a vida a Deus. É de certa maneira uma antecipação do Céu já neste mundo: aqueles que vivem esta vocação são, pelo seu testemunho de vida e pela vivência do celibato, prova viva e sinal atraente daquilo que acontecerá no Céu: viveremos totalmente do Amor de Deus, não estando na Terra ligados pelo sacramento do matrimónio a outra pessoa. É uma vocação onde transparece a alegria da consagração total que não é um fechamento ao outro, antes pelo contrário, é uma oferta da vida inteira a todos.

Nenhum destes tipos de vocação é melhor ou mais importante do que outro, não há vocações de primeira nem de segunda. Todas as vocações são revelação de Deus em determinado tempo e vida e por isso, boas e necessárias. O mais importante é que cada um descubra em que tipo de vocação pode seguir Jesus mais de perto, e, deste modo, servir a Igreja e construir um mundo mais à imagem de Deus. A vocação é a nossa história de amizade com Deus e nesse sentido não há vocações repetidas, cada história que Deus faz conosco é única e irrepetível.

Mas então como é que sei qual é a minha Vocação?

“O ponto fundamental é discernir e descobrir que aquilo que Jesus quer de cada jovem é, antes de tudo, a sua amizade. Este é o discernimento fundamental.” (Exortação Apostólica Cristo Vive, nº 250)

Descobrir a vontade de Deus não é um momento mágico ou uma vizinha que vamos ouvir do meio das nuvens, mas é fruto de um caminho de amizade com Deus, que nos pede tempo, ânimo, empenho, coragem, perseverança e paciência, num processo de maturação em que nos vamos conhecendo melhor (o que me move, o que me apaixona, me desafia e interpela) e conhecendo também a vida de Jesus. Deste modo, o discernimento é um exercício prático que se faz em caminho: em três etapas, vivendo a partir de três verbos que se conjugam juntos: procurar, encontrar e eleger a vontade de Deus.

Aderir ao projeto que Deus tem para mim é ir vivendo com verdade esta relação, a partir da chamada de um amigo: Jesus. O Papa Francisco na Exortação Apostólica Cristo Vive (nº 287) diz-nos: “aos amigos, quando se dá uma prenda, oferece-se o melhor; isto não significa que seja necessariamente a prenda mais cara ou difícil de conseguir, mas a que – sabemos – dará alegria ao outro. Um amigo tem uma percepção tão clara disto mesmo que consegue visualizar, na sua imaginação, o sorriso do amigo ao abrir o seu presente. Este

discernimento de amizade é o que proponho aos jovens como modelo se quiserem compreender qual é a vontade de Deus para a sua vida”.

Em termos práticos, para conseguirmos fazer este caminho de discernimento sobre a vontade de Deus precisamos de oração, um diálogo profundo, intenso e verdadeiro com Aquele que sabemos que nos ama, do lugar real onde estamos na nossa vida, conhecendo intimamente Jesus. Uma oração que nos leva a um discernimento, onde com liberdade interior vamos percebendo de que maneira Jesus nos chama e vai tocando o nosso coração, sempre acompanhados espiritualmente, por alguém como um padre ou consagrado/a. O discernimento precisa de se fazer acompanhado, apesar de tentador não faz sentido fazê-lo sozinho.

Sobretudo porque toda a vocação é chamamento de Deus através da Sua Igreja, toda a vocação se vive na Igreja e para a Igreja. Não é, portanto, algo meramente pessoal e que só a mim diz respeito, mas como todos os dons de Deus, são concedidos a cada um para que possam com a entrega da sua vida enriquecer a comunidade, a Igreja e o mundo.

Com a ajuda da oração e do acompanhamento espiritual consegue-se ir percebendo a Vontade de Deus, que é como nos diz o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Cristo Vive* (nº288): “algo que te deixará feliz no mais íntimo de ti mesmo e te entusiasmará mais do que qualquer outra coisa neste mundo. Não, porque o dom concedido seja um carisma extraordinário ou raro, mas porque é precisamente à tua medida, à medida de toda a tua vida”. Conseguir ver isto sem obstáculos, sem máscaras, com liberdade e ir respondendo também livremente a estes apelos de Jesus, o meu Senhor e também o meu Amigo é aquilo a que nos propomos na vida cristã.

Pontos de Discussão

- Estou disponível para acolher a surpresa de Deus?
- Que ocupações e planos podem ser hoje, na minha vida, entrave à proposta de Deus para mim?
- Estou disponível a caminhar para que o Senhor seja o Tudo da minha vida?
- Tenho medo de descobrir a minha vocação? Tenho medo de ser infeliz?
- Onde procuro a minha vocação? Tenho consciência que Deus me fala nas coisas do dia-a-dia ou ando a “sonhar acordado” à procura de Deus em sonhos ou num futuro projectado?

Proposta de Dinâmica

Convidar um consagrado/a ou seminarista/ sacerdote/ Bispo a vir à nossa equipa.

Proposta de Ponto de Esforço

- Rezar pelas vocações em equipa;
- Cada um escreve a história da sua vocação. O Batismo e sacramentos recebidos; pessoas que foram importantes na vida de fé, na família ou na Igreja; principais obstáculos, desafios ou crises; momentos mais felizes e gratificantes.

Para Aprofundar

- Mensagem de São João Paulo II para o Dia Mundial das Vocações 
- Exortação Apostólica “Cristo Vive” do Papa Francisco, Cap VIII 
- Exortação Apostólica “Alegria do Evangelho” 
- Livro “Vocação e Vocações”, Ed. Apostolado de Oração – Pe Vasco Pinto Magalhães, sj



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema XV: Namoro



Tema XV: Namoro

Leitura

“Quando o Senhor Deus fez a Terra e os céus, e ainda não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para a cultivar, e da terra brotava uma nascente que regava toda a superfície, então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo. Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que tinha formado. (...) O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar. (...) O Senhor Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.» Então, o Senhor Deus, após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo, não encontrou auxiliar semelhante a ele. Então, o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então, o homem exclamou: «Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!»

Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne.”

(Gn 2, 1-8, 15, 18-24)

Tema

O chamamento universal ao Amor

Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano. (Familiaris Consortio, 11).

O amor incondicional de Deus por nós constitui o fundamento do amor humano. A principal missão de cada homem e cada mulher é o Amor, e este só se compreende à luz da maneira como somos amados por Deus: Deus amou-nos totalmente, enviando-nos o Seu Filho que deu a vida por nós. É no horizonte deste Amor infinito, feito doação, que se compreende a possibilidade do amor humano que é, também, um caminho de doação pelo outro, e faz parte do plano divino para todos os homens e mulheres.

Um namoro cristão

No Génesis, o primeiro livro da Bíblia, encontramos a primeira declaração de amor da História da humanidade: o momento em que Adão, vendo Eva pela primeira vez, exclama “Esta é realmente carne da minha carne”! Adão descobre em Eva a pessoa com quem se identifica totalmente.

Talvez já tenhamos sentido essa vertigem de nos apaixonarmos por alguém, de nos sentirmos atraídos por uma pessoa que se torna para nós especial, e com quem desejamos estar mais do que com qualquer outra. Este acontecimento tem muito de espontâneo - não sabemos dizer o que provocou esse desejo, ou, se já nos conhecíamos, por que razão aquela pessoa passou a ser especial a partir de certa altura.

Esta atração inicial, se é partilhada pelos dois, pode ser o ponto de partida para um namoro que seja caminho de crescimento individual e em conjunto. À medida que os namorados se vão conhecendo, a paixão completa-se com o amor que vai crescendo e que os leva a querer o melhor para o outro. Assente numa amizade cada vez mais profunda, o amor vai fundando raízes e solidificando. Para este conhecimento contribui muito o diálogo e a comunicação entre os dois, para os quais o tempo de namoro é um tempo particularmente favorável, dada a maior disponibilidade que geralmente têm um para o outro as pessoas apaixonadas: os namorados conversam e aprendem a ouvir-se e a respeitar-se mutuamente. Dialogando, o amor entre os dois torna-se dinâmico, aberto à novidade e à partilha.

Num namoro cristão, o namorado e a namorada não procuram o próprio interesse ou a auto-satisfação; procuram o bem do outro, ajudam-no(a) a crescer e a descobrir os seus dons, a encaminhar-se para o Bem para que foram criados. Numa palavra, ajudam-se mutuamente a serem Santos. Superando a paixão, que é espontânea - e ainda que ela se possa alimentar por toda a vida -, o amor já pressupõe uma decisão: “eu escolho amar esta pessoa”. Amar alguém é ambicionar não tanto contentá-lo plenamente, mas fazê-lo crescer, e, portanto, provocá-lo a sair de si mesmo, a superar-se, a gostar-se, a doar-se, numa palavra: a amar (Caffarel, Nas encruzilhadas do amor, p. 81).

Namoro como caminho para o Matrimónio

Num namoro amadurecido, é inevitável que num determinado momento nos confrontemos com o desafio do Matrimónio - “serão os dois uma só carne”, diz o Génesis. Para quem é chamado ao casamento, este é o seu caminho de santidade. Não é uma vocação abstrata (“eu tenho vocação para me casar”), mas um chamamento concreto e nomeado (“eu tenho vocação para casar com o/a...”). Então, como saber se Deus me chama a casar com aquela pessoa em particular?

A resposta a esta pergunta requer um discernimento que se vai fazendo ao longo de todo o namoro. O caminho de descoberta é feito pelos dois à medida que se vão conhecendo e requer uma grande sinceridade, de cada um para com Deus, para consigo próprio e para com o outro. A partir de certa altura, o desejo de partilhar a vida toda com aquela pessoa revela-se de forma cristalina - queremos entregar-nos um ao outro por toda a vida, como sinal visível da eternidade que por Deus nos é oferecida.

O namoro é diferente do casamento

Embora um namoro sério se oriente para o casamento, o namoro não é ainda um casamento. Quando se casam, um homem e uma mulher comprometem-se inteiramente e para a vida toda. Comprometer-se inteiramente significa decidir doar-se totalmente e em exclusivo um ao outro, fazer dom de si mesmo para o outro: partilhar o seu dia-a-dia, os seus projetos, os aspectos mais mundanos (bens, tempo, dinheiro). É nesta comunhão de vida, assente no amor total e completo entre duas pessoas, que é natural a entrega definitiva também daquilo que somos mais intimamente: o nosso corpo. A união sexual é a forma como os esposos exprimem, com os seus corpos, o compromisso de amor total feito no dia do casamento quando disseram “eu recebo-te a ti...”.

Por isso, a Igreja, assente na Verdade revelada por Cristo, ensina que o tempo de namoro, antes desta união sacramental, deve ser vivido em castidade. Este caminho parece hoje mais difícil do que no tempo dos nossos pais e avós. Será a proposta de continência, feita pela Igreja, antiquada? Vale a pena o esforço de ir contra a corrente? Se temos a certeza de que nos vamos casar, porquê esperar até lá?

A Igreja ama-nos e quer o nosso bem, por isso vale a pena perceber a riqueza da sua proposta. A virtude da castidade não é negativa nem repressiva; é libertadora, porque nos ajuda a amar como Cristo nos ama, libertando-nos da tendência para a auto-satisfação e o egoísmo. Além disso, a castidade educa-nos na espera, que tanta

falta nos fará na vida futura em tantas dimensões da nossa vida; por fim, viver o namoro em castidade leva os namorados a serem criativos nas formas de demonstrarem o quanto gostam um do outro.

Espiritualidade no namoro

Deus não fica de fora do nosso namoro. Olhando, primeiro, um para o outro, e, depois, na mesma direção, os namorados reconhecem que estão em caminho, e que o namoro é uma parte da sua história de salvação. Por isso, ainda que cada um traga hábitos diferentes de oração, rezar ou ir à Missa em conjunto ajuda-os a reconhecer, no amor que vão construindo um pelo outro, uma centelha do amor infinito que Deus tem por cada um, e a discernir o plano de Deus para as suas vidas futuras. Na sua cumplicidade, podem encontrar formas de rezar que os ajudem a aproximar-se de Deus, vivendo um namoro “a três”.

Proposta de Dinâmica

- Pedir ao casal que dê testemunho sobre o seu namoro.
- Refletir em Equipa, com base no que se observa nos círculos de amigos e conhecidos, sobre o que é o verdadeiro Amor ao qual somos chamados. O que caracteriza um namoro cristão?

Proposta de Ponto de Esforço

- Participar com o/a meu/minha namorado/a nalguma atividade das EJNS
- Rezar pelo namorado/a (ou futuro namorado/a)

Para Aprofundar

- Papa Francisco sobre o Namoro:



- Christopher West:



- Livro “Amor Puro” de Jason Evert



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:





NOTAS



Tema XVI: A Igreja como Mãe



Tema XVI: A Igreja como Mãe

Leitura

“Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo. De facto, num só Espírito, fomos todos baptizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito.

O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. Se o pé dissesse: «Uma vez que não sou mão, não faço parte do corpo», nem por isso deixaria de pertencer ao corpo. E se o ouvido dissesse: «Uma vez que não sou olho, não faço parte do corpo», nem por isso deixaria de pertencer ao corpo. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfacto?

Deus, porém, dispôs os membros no corpo, cada um conforme lhe pareceu melhor. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo. Não pode o olho dizer à mão: «Não tenho necessidade de ti», nem tão pouco a cabeça dizer aos pés: «Não tenho necessidade de vós.» Pelo contrário, quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo, tanto mais são necessários, e aqueles que parecem ser os menos honrosos do corpo, a esses rodeamos de maior honra, e aqueles que são menos decentes, nós os tratamos com mais decoro; os que são decentes, não têm necessidade disso.

Mas Deus dispôs o corpo, de modo a dar maior honra ao que dela carecia, para não haver divisão no corpo e os membros terem a mesma solicitude uns para com os outros. Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria.

Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro.”
(Cor 12, 12-27)

Tema

O que é a Igreja?

No nosso dia-a-dia utilizamos a palavra “igreja” para nos referirmos a diversos contextos. Por exemplo: ao dizer “hoje vou à missa da Igreja de Santa Isabel” dá-se a indicação de uma localização, de um espaço de oração. Ou ao ouvir o Papa dizer “o coração da Igreja é jovem” refere-se aqui ao povo de Deus, a todos nós que, depois de O encontrar, O quer seguir.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica a palavra «Igreja» deriva do grego e significa «convocação». Designa a assembleia daqueles que a Palavra de Deus convoca para formar o seu povo. (CIC, 777). São Paulo utiliza uma imagem para a descrever: a de que Cristo é a cabeça da igreja e nós o seu corpo. Um sem o outro, não estaria completo, como explica na sua carta aos Coríntios.

Foi quando Jesus nomeou Pedro como primeiro Papa que a Igreja nasceu. É surpreendente pensar que a Igreja nasceu no tempo dos primeiros amigos de Jesus, que comeram na mesma mesa, que Lhe tocaram, que O ouviram falar e, ao fim de 2000 anos, esta história de amor chega até nós e tantas vidas transforma. Ao dizer a Tomé: “Porque Me viste, acreditaste. Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditaram” (Jo 20, 29), Jesus “está a pensar no caminho da Igreja, fundada sobre a fé das testemunhas oculares: os apóstolos.

Compreendemos então que a nossa fé pessoal em Cristo, nascida do diálogo com Ele, está ligada à fé da Igreja: não somos crentes isolados, mas, pelo batismo, somos membros desta grande família, e é a fé professada pela Igreja que dá segurança à nossa fé pessoal. O Credo que proclamamos na missa dominical protege-nos precisamente de crer num Deus que não é O que Jesus nos revelou.” (Papa Bento XVI, Discurso de preparação para as Jornadas Mundiais da Juventude de 2011). Cada crente é, assim, um elo na grande cadeia de crentes. Não posso crer sem ser motivado pela fé dos outros e pela minha fé contribuo também para guiar os outros na fé. (CIC 166).

O Papa São Paulo VI reforça esta ideia quando ao descrever qual a missão da Igreja disse que “evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da Sua morte e gloriosa ressurreição.” Tal só é possível através da graça do Espírito Santo pois, para que a Igreja possa realizar a sua missão, o Espírito enriquece-a e guia-a com diversos dons (CIC nº768).

Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica

Todos os domingos, quando vamos à Missa rezamos o Credo. Confirmamos as verdades da nossa Fé, sobre as quais dizemos publicamente, naquilo e em Quem cremos. Tenho consciência do que digo acreditar sobre a Igreja?

“Una”: Como dizia São Paulo numa das suas cartas acima “O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos”. Assim, na Igreja há uma grande diversidade, “proveniente da variedade dos dons de Deus e da multiplicidade das pessoas que os recebem” (CIC, nº 814).

Há diversidade de dons, de modos de vida, de povos, culturas, carismas, espiritualidades e “estilos”. Apesar de às vezes nos admirar como é que com esta diversidade formamos a mesma igreja, esta diversidade constitui uma grande riqueza e a qual não se opõe à sua unidade: “Uns são mais espirituais e outros mais interventivos socialmente; uns são mais formais e acham que se devem seguir os rituais à risca e outros são mais informais e acham que se devem adaptar às pessoas e aos tempos; uns querem descobrir novos caminhos e outros recordam a importância da tradição, etc. Esta diversidade é querida pelo Espírito Santo que a alimenta. Faz com que haja espaço para todos e torna a igreja mais rica e capaz de espelhar o mistério de Cristo (...). De facto, cada grupo ou espiritualidade particular reflete determinados aspetos de Cristo, mas só a igreja na

sua totalidade é corpo e sacramento de Cristo. (...) E, às vezes, em vez de união na diversidade queremos forçar uniformidade. Devíamos pedir perdão ao Senhor se não contribuímos para a unidade da Igreja, mas semeamos a divisão”. (Nuno Tovar de Lemos sj, Textos para rezar - 24 Textos do Evangelho com comentários e sugestões para a oração). Ainda como dizia São Paulo: “pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo.”

Assim, a Igreja é uma porque, apesar desta diversidade, assenta em laços visíveis de comunhão: professa uma única Fé, recebida dos Apóstolos e compilada no Credo; celebra do mesmo modo os sacramentos e está assente na sucessão apostólica pelo sacramento da Ordem.

“Santa”: Embora a santidade da Igreja se trate de um tema complexo e difícil de compreender pelo mistério que representa, o Youcat (124 e 132) responde a esta pergunta de forma simples: “O Verdadeiro amor não cega, mas faz ver. Com a igreja passa-se o mesmo: vista de fora, é uma mera instituição ou organização, com feitos históricos, mas também com erros e crimes – uma igreja de pecadores. Isso, porém, é uma apreciação superficial, porque Cristo deu-Se de tal forma a nós, pecadores, que Ele nunca abandona a Igreja, mesmo que O traíssemos diariamente. A inquebrável ligação entre o humano e o divino, o pecado e a graça, é o mistério da Igreja. Vista com os olhos da fé, a Igreja é indestrutivelmente Santa”.

Deste modo, ainda que o seu corpo seja formado por homens e mulheres pecadoras, Cristo, que é santo, santifica a Igreja, enquanto sua cabeça, e todas as obras da Igreja tendem para a santificação dos homens (CIC, nº 824). Por isso, a Igreja não é uma ONG pois concilia ao mesmo tempo a sua natureza humana e divina.

“Católica”: A palavra católica significa “universal”. Cristo enviou a Igreja em missão a todos os homens: não só aos ricos ou aos pobres,

aos mais velhos ou aos mais novos, nem com algum tipo de preferência por certos países.

“Apostólica”: Em primeiro lugar, a Igreja está fundada sobre os Apóstolos, testemunhas de Cristo, e continua a ser santificada pelos seus sucessores, que a guiam. Sabemos que Jesus assim revelou quando disse a Pedro: “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.” (Mt 16,17-19). Jesus deu aos Seus apóstolos os Seus plenos poderes. Estes são transmitidos, desde o início, de bispo para bispo, pela imposição das mãos, até que o Senhor regresse. A esta transmissão tem o nome de sucessão apostólica e o Papa, enquanto sucessor de Pedro, é o representante de Cristo na Terra, sendo chamado a garantir que a igreja é una.

Em segundo lugar, a igreja guarda a doutrina, porque se baseia na tradição, e é conduzida pelo Espírito Santo. “A Igreja não se pode comportar como uma empresa, que muda a oferta quando a procura diminui” (Cardeal Karl Lehmann).

E se não houvesse Igreja?

Já alguma vez parei para pensar o que seria do mundo, e da minha vida, se tantos e tantas não tivessem sido testemunhas vivas de Deus? Se se tivessem deixado levar pela preguiça, falta de confiança, soberba, vaidade, falta de disponibilidade e de responsabilidade... Tenho noção que se não fosse a igreja não conheceria o Senhor? Sim, tu, eu e muitos milhões de pessoas.

Assim, por um lado, precisamos da igreja e devemos estar agradecidos pela disponibilidade de coração de tantos e tantas que se encontraram com Jesus ao longo de 2000 anos para que eu hoje pudesse conhecê-Lo também. Sem o seu testemunho, sem uma Igreja que se encontrou comigo, a minha vida seria diferente e longe da verdade. Por outro lado, como dizia São Paulo, “ai de mim se eu não

evangelizar”. Temos a responsabilidade de O levar a quem nos rodeia. Sim, tu também. “Ai de mim, se eu não evangelizar porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta” (1 Cor 9, 16). De facto, dizia o Irmão Roger Shutz que “amar Cristo e a Igreja trata-se da mesma coisa”.

Para tal, devemos procurar o nosso lugar dentro da igreja e dar muitas graças por ele. O nosso lugar não é tudo mas é essencial. Com toda a humildade, tenho consciência de que Deus me criou original e irrepetível, com uma missão concreta? Sem levar a sério este papel que nos foi confiado, o corpo da Igreja não estará completo: “Dispôs os membros no corpo, cada um conforme lhe pareceu melhor. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?”. Que graça é a diversidade dentro da igreja, mesmo aquela que não nos é fácil entender.

A Igreja precisa dos Jovens e os Jovens da Igreja

“Vós, jovens, tendes o direito de receber das gerações que vos precederam pontos firmes para fazerdes as vossas opções e construídes a vossa vida, do mesmo modo que uma planta jovem precisa de um apoio sólido para que as raízes cresçam, a fim de se tornar depois uma árvore robusta capaz de dar fruto. (...) Não acrediteis em quantos vos dizem que não tendes necessidade dos outros para construir a vossa vida. Pelo contrário, apoiai-vos na fé dos vossos familiares, na fé da Igreja, e agradecei ao Senhor tê-la recebido e feito vossa. (...) Cristo que tornar-vos firmes na fé através da Igreja. A opção de crer em Cristo e O seguir não é fácil; é dificultada pelas nossas infidelidades pessoais e por tantas vozes que nos indicam caminhos mais fáceis. Não vos deixeis desencorajar, mas procurai o apoio da comunidade cristã, o apoio da Igreja. (...) Amados Jovens, a Igreja conta convosco! Precisa da vossa fé viva, da vossa caridade e do dinamismo da vossa esperança. A vossa presença renova a Igreja, rejuvenesce-a e confere-lhe renovado impulso.” (Mensagem do Papa Bento XVI para as JMJ 2011, Madrid).

Proposta de Dinâmica

- Quizz sobre história da Igreja (os vários Papas, Cartas apostólicas, Encíclicas, cismas...).
- Sendo Maio um mês em que muitos equipistas fazem o crisma, trabalhar o papel do Espírito Santo.

Proposta de Ponto de Esforço

- Participar, em equipa, nalguma das atividades mensais propostas pelo movimento;
- Conhecer a paróquia a que pertencemos- apresentarmo-nos ao seu prior;
- Rezar pelo Papa, sucessor de Pedro;
- Selecionar e distribuir homílias/ textos de preparação para Jornadas Mundiais da Juventude escritas pelo Papa aos Jovens.

Para Aprofundar

- Carta Encíclica Redemptoris Missio, São João Paulo II, sobre a urgência da atividade missionária, o papel Evangelizador da Igreja e o Espírito Santo



- Youcat



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:

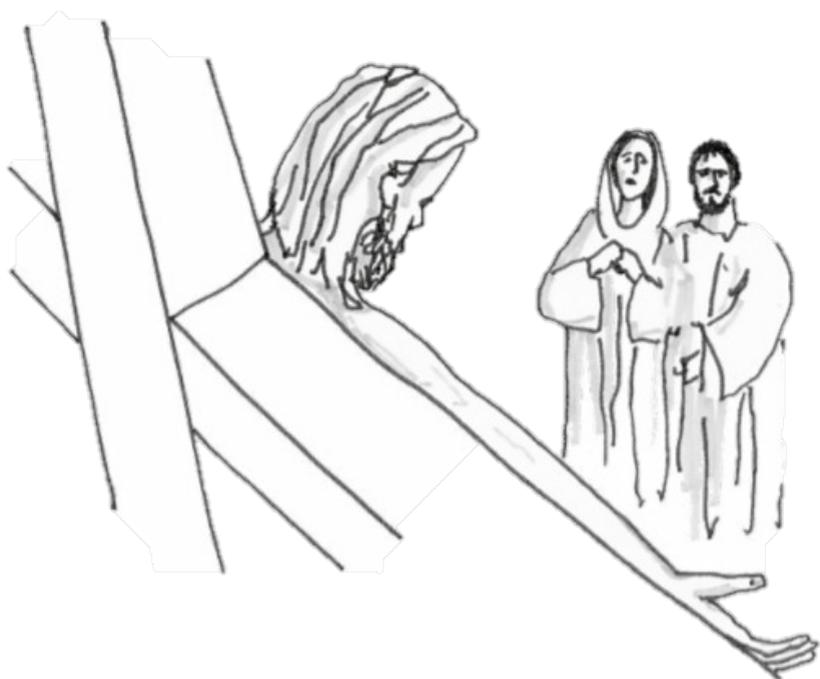




NOTAS



Tema XVII: A Alegria é fruto da Cruz



Tema XVII: A Alegria é fruto da Cruz

Leitura

“Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.”

(Lc 10, 30-35)

Tema

Frequentemente, ao lermos esta parábola, focamos a nossa atenção no como e quanto desejamos assemelhar-nos a este Bom Samaritano, cuidando de quem precisa de nós esquecendo-nos, por vezes, que ao longo da vida vamos também sendo tanto o homem assaltado, como o assaltante, o sacerdote ou o estalajadeiro. No início da igreja esta parábola era frequentemente interpretada do seguinte modo: o homem que está à beira da estrada somos nós, quando assaltados pelo pecado. Deus é o Bom Samaritano que Se aproxima para cuidar e nos erguer, confiando-nos à igreja, a “estalagem” onde podemos recuperar. No fim dos tempos, no Seu “regresso”, ninguém na estalagem ficará sem recompensa pelo bem que tiver praticado.

Com esta parábola como ponto de partida, a proposta deste tema convida assim a aprofundar o delicado tema do sofrimento: tanto o nosso como o do nosso próximo. Este tema que, somente por existirmos, já experienciámos, em maior ou menor intensidade, de forma pessoal ou reconhecendo na vida de uma outra pessoa. Todos somos criados por Deus, para a verdadeira felicidade, mas quando “assaltados” pela dor, quantas vezes parece paradoxal tal felicidade ser possível coexistindo com o sofrimento que, ainda por cima, raramente escolhe uma hora que não nos atrapalhe ou a “melhor” altura.

Então, se Deus é bom, porque sofremos?

Esta pergunta com que tantas vezes somos confrontados, é um mistério sublime: Cristo sofreu. E Ele era bom e sem pecado. Não nos tirou o sofrimento, mas preparou-nos para ele. Indo por partes, e percebendo os conceitos que estamos a utilizar nesta interrogação:

1. O que é o sofrimento? Este tem sempre a ver com a experiência da falta e/ou da perda (ex: de pessoas, saúde, relação, justiça, trabalho, amor...). “O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou.” (Carta Apostólica Salvifici Doloris). Um homem pode sofrer sendo inocente (ex: numa catástrofe natural que nada fez para merecer) ou porque se afastou de Deus.

2. Se Deus é bom e todo-poderoso, não pode gostar do mal: da guerra, da injustiça, da mentira... Mas permite-o? “Se Deus é amor, não pode não amar; não pode ser arbitrário, não pode não respeitar a liberdade e a criação: não pode senão aquilo que pode o Amor! Só pode amar. O amor pode tudo, ou melhor, o Amor pode com tudo e tudo suporta, tudo transforma! É todo-poderoso porque pode com tudo e não porque possa tudo.” (Pe Vasco Pinto de Magalhães, sj, Se Deus é bom, por que sofremos?) Assim, o sofrimento não nos é dado

por Deus, mas se o permitirmos, pode-nos unir a Deus, expandindo a nossa capacidade de amar.

Significa isto então que Deus não se alegra com o sofrimento dos seus filhos e não escolhe fazê-los sentir dor. Contudo, alegra-se quando a cruz, nossa ou de alguém de quem nos aproximemos para ajudar, é vivida como ato de amor, unida a Deus, e, por isso, salva. Jesus não escondia que, quem decidisse segui-Lo, haveria de sofrer muito: perseguições, incom-preensões, fome e sede de justiça... Não porque a dor seja uma encomenda de Deus, mas porque o mundo, que segue a lógica humana, não está preparado para a radicalidade da Sua mensagem. O mundo está marcado pelo pecado e o sofrimento e a dor vêm daí. Ainda assim, Deus reconforta-nos, mostrando que não nos abandonará: «Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). «Disse-vos isto para que tenhais paz em mim: no mundo tereis tribulações. Mas tende confiança! Eu venci o mundo» (Jo 16, 33). «Onde o pecado abundou, superabundou a graça» (Rom 5, 20).

Parece então que a pergunta que somos constantemente chamados a fazer não deveria ser o “porquê”, mas o “para quê”, focando-nos na finalidade, na procura de um sentido e de um modo de o concretizar. Como dizia o Papa Bento XVI na Encíclica *Spe Salvi*, sobre a esperança: “Não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com amor infinito” (SS, 37). Na sua carta apostólica *Salvifici Doloris*, São João Paulo II acrescenta: “O homem não descobre este sentido ao seu nível humano, mas ao nível do sofrimento de Cristo. (...) E é então que o homem encontra no seu sofrimento a paz interior e mesmo a alegria espiritual” (SD, 26).

Significa então que devemos procurar sofrer?

Jesus disse “Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me” (Lc 9, 23). Assim, Jesus é muito claro: não nos pede que procuremos criar cruces e sofrimentos. Convida-nos

primeiro a segui-Lo e, no caminho a que cada um é chamado, a abraçar, com alegria e confiança, as cruzes que encontrarmos, utilizando-as como fontes de amor. No juízo final, a medida não será a de “quem sofreu mais”, mas a de “quem mais amou”. Os cristãos não devem assim procurar sofrer sem sentido mas, se forem confrontados com um sofrimento inevitável, este pode, se o deixarmos, tornar-se um meio transformador que, ligando-nos ao céu, nos garante a felicidade que à primeira vista parecia incompatível, porque saber-nos-emos amados. Como falado no tema de Jesus, existe um vínculo indivisível entre a Cruz e a Ressurreição, que não pode ser esquecido pelo cristão. Sem este vínculo, contemplar a Cruz de Jesus significaria justificar o sofrimento e a morte vendo neles apenas uma fatalidade. Dizia o Papa Bento XVI que “A loucura da Cruz é converter o sofrimento em grito de amor a Deus e de misericórdia para com o próximo” (Bento XVI, Visita à Basílica de São Paulo em Harissa e assinatura da Exortação Apostólica Pós-sinodal, 14 de Setembro de 2012).

Mas como sofrer?

“Cristo sofreu também por vós, deixando-vos o exemplo para que sigais os Seus passos” (1Ped 2, 21). Deste modo, um primeiro passo pode passar por procurar conhecer mais a fundo a vida de Jesus, e a de tantos santos que entregaram a sua vida a Deus. Neles, encontraremos pistas e uma multiplicidade de formas de responder a esta pergunta, à luz da fé, e na medida das suas vocações pessoais. Nestas vidas encontramos expressões vivas daquilo a que François Fenelon (escritor francês do século XVII) nos convidava: “Temos de carregar a nossa cruz, não de a arrastar; e temos de a agarrar como um tesouro, não como uma carga. Só pela cruz nos podemos tornar semelhantes a Jesus”. “Jamais a cruz sem Jesus nem Jesus sem a cruz”. O radicalismo da paixão de Cristo não está no sofrimento físico, mas no ter sido vivida em e por amor. “A cruz é um sinal de mais, de entrega a Deus (vertical) e aos outros (horizontal). Pegar na sua cruz e seguir os passos de Jesus é entregar-se por amor em todas as situações, mesmo nas injustas e sofridas, e assim, vencer o mal: o

egoísmo, a mentira e a morte que nos vêm com desamor” (Pe Vasco Pinto de Magalhães, sj, Se Deus é bom, por que sofreremos?).

Em segundo lugar, rezar, rezar muito. Pedindo ao Espírito Santo que nos ilumine, repetindo, como São Francisco de Assis: “Dai-me, Senhor, serenidade para aceitar tudo aquilo que não pode ser mudado, a força para mudar que deve ser mudado e, acima de tudo, sabedoria para saber distinguir uma coisa da outra”.

Proposta de Dinâmica

- Utilizar o exemplo da vida de santos para conhecer não só as provações a que foram submetidos, mas especialmente entender como as superaram e se uniram a Deus.
- Partir da leitura do Bom Samaritano e olhar, em oração, para cada personagem desta parábola: O homem assaltado, os assaltantes, o sacerdote e o levita, o samaritano e o estalajadeiro. Ao longo da vida, vamos tomando cada um destes cinco papéis, quer porque agora somos o homem que sofre, como o que faz sofrer, o que se mostra indiferente ao sofrimento do nosso próximo ou o que procura cuidar.
- Colocar numa caixa várias perguntas/dúvidas que a equipa tenha sobre o sentido do sofrimento à luz da fé e convidar à reunião deste mês um sacerdote que possa ajudar a responder.

Proposta de Ponto de Esforço

Olha para a tua vida presente. Quem poderá estar a ser este homem assaltado à beira da estrada que precisa de ser consolado? Identifica-o e responsabiliza-te por te assemelhar a este bom samaritano que se aproxima, cura as feridas e cuida, com a ajuda do Espírito Santo.

Para Aprofundar

- Livro: “Se Deus é bom, porque sofreremos?”, Vasco Pinto Magalhães, SJ;
- Livro “Alegria de crer e de viver”, François Varillon;
- Carta Apostólica “Salvifici Doloris”, sobre o Sentido Cristão do sofrimento humano, do Papa São João Paulo II
- Audiência Geral, Papa Bento XVI, a 30 de Maio de 2012.



Ponto de Esforço:



Próxima Reunião:



Tema:



Oração:



Jantar:



Sobremesa:

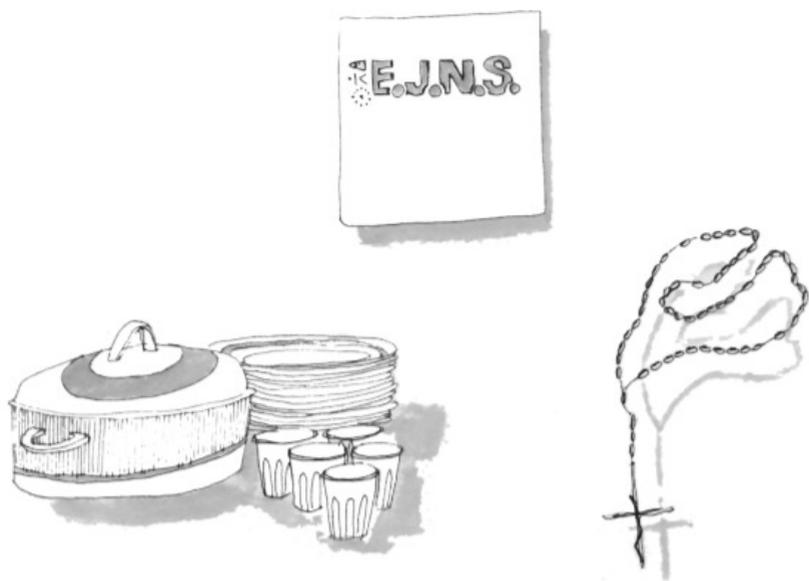




NOTAS



Tema XVIII: Balanço Final



Tema XVIII: Balanço Final

Leitura

“Disse-lhes, também, a seguinte parábola: «Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e foi lá procurar frutos, mas não os encontrou. Disse ao encarregado da vinha: ‘Há três anos que venho procurar fruto nesta figueira e não o encontro. Corta-a; para que está ela a ocupar a terra?’ Mas ele respondeu: ‘Senhor, deixa-a mais este ano, para que eu possa escavar a terra em volta e deitar-lhe estrume. Se der frutos na próxima estação, ficará; senão, poderás cortá-la.’”

(Lc 13, 6-9)

Tema

“A vida espiritual é toda a vida ordenada pelo Espírito Santo(...) O Progresso na vida espiritual mede-se pelo crescimento em três áreas: na relação com Deus (Fé) na capacidade de nos atirmos à construção da vida na certeza de que a história tem um sentido final (Esperança) e na nossa capacidade de amar (Caridade). Por vezes temos a sensação de estarmos a marcar passo sem sairmos do mesmo sítio, de não evoluirmos ou até de estarmos a regredir. Medir o crescimento da vida espiritual não é tarefa fácil. Sobretudo temos de ter cuidado em não julgar o crescimento pelos sentimentos. Há fases em que não sentimos nada, em que tiramos tudo a ferros e, no entanto, podem estar a ser fases importantes de crescimento na nossa capacidade de entrega para além do que apetece. Grandes santos passaram por fases em que não sentiram nada (...). Porque não avançamos? Será culpa de Deus? Não. Jesus diz que da parte de Deus não falha nada. Deus é como um semeador que lança sempre sementes abundantes nas nossas vidas. O problema (do não crescimento) está sempre do lado do terreno. Ou seja: do nosso lado. Temos de entender que, à medida que vamos avançando na vida espiritual, a exigência vai sendo cada vez maior” (Nuno Tovar de

Lemos sj, Textos para rezar - 24 Textos do Evangelho com comentários e sugestões para a oração).

Neste mês, a proposta é a de parar, escutar o ano que passou e olhar para o futuro. Propomos trazer à memória estes últimos meses desde ainda antes da tua inscrição nas EJNS, com o que te trouxe aqui, o arranque da equipa, todo o caminho com os pilotos e casal, o compromisso, até ao dia de hoje. Se não fizermos este exercício, por um lado, a equipa seria como os leprosos que não voltaram atrás para agradecer a Jesus os frutos desta caminhada na relação com Ele (Lc 17, 11-19). Por outro, não seria dada a oportunidade de redefinir direções que estão ao alcance de cada um por não se identificarem pontos que possam ser melhorados. Afinal de contas, “as árvores conhecem-se pelos frutos” e se cada um não tomar consciência de que tem de trabalhar por a regar, podar, alimentar, menos fecunda será esta oportunidade de encontro. Sem um amor exigente não se cresce.

Deixamos assim algumas pistas de avaliação, divididas pelos momentos da reunião:

Equipa

“Quem ama, faz sempre comunidade, nunca fica sozinho” Santa Teresa d'Ávila

- Que papel teve a equipa na minha fé? (Ex: oração pessoal, serviço, apostolado, como vivo a Missa...)
- Em que se traduz ter feito o compromisso de e em equipa?
- Como foi a minha assiduidade e pontualidade? Precisa de compromisso?
- Ofereci-me para ajudar nalgumas tarefas (ex: preparação do tema, jantar, lembrar ponto esforço...)? Posso ser mais disponível?

- Como foi a relação dentro da equipa? Procurei criar amizades ou contentei-me por ser apenas um “conhecido”?

Oração em equipa

“A oração torna os nossos corações transparentes e só um coração transparente pode escutar a Deus” Madre Teresa de Calcutá

- Rezámos sempre nas reuniões?
- A oração ajudou-me a aprofundar a minha relação com Jesus?
- Rezei pela equipa ao longo do ano?
- Aproveitei a bíblia para fazer orações?
- Onde ou como vivemos a oração em equipa enquanto filhos de Nossa Senhora? Trouxemos Maria à oração?

Tema

“Tendes de saber em que credes. Tendes de conhecer a vossa fé como um especialista em tecnologia domina o sistema funcional do computador. Tendes de a compreender como um bom músico entende uma partitura”. (Carta do Papa Bento XVI aos jovens, “Youcat”)

Recorda os temas deste caminho, desde o início da pilotagem até hoje, enquanto equipa que fez o seu compromisso. Santo Agostinho dizia que “Só se ama aquilo que se conhece.” Como amar a Igreja sem conhecê-la mais e melhor? Quanto mais a estudamos mais a amamos. Os temas deste ano procuraram assim ser oportunidades de amar mais Deus e a Sua Igreja.

- Que temas mais me marcaram e com os quais tive mais dificuldade? Porquê?
- Aprendi e procurei saber ainda mais sobre aquilo que me estava a ser proposto, dedicando assim mais estudo e tempo aos temas?

- Consigo identificar o desafio que cada um dos temas traz à minha vida?

Partilha

“Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu.” (Mt 18,18)

- Como é que a encaro? Como uma parte importante para toda a equipa ou apenas como a parte e saber as curiosidades de cada um?
- Preparo a minha partilha?
- Limito-me a relatar o mês ou vou ao fundo da questão que me traz aqui?
- Levei a minha partilha a sério, ou ainda me custa partilhar com os outros, porque não me sinto à vontade? Todos partilharam e ouviram os outros com interesse ou deixámos sempre a partilha para o fim e eram mais os que estavam a dormir que acordados?

Ponto de Esforço

“Começa por fazer o necessário, depois o que é possível e de repente estarás a fazer o impossível!” São Francisco Assis

- Esforcei-me por definir pontos de esforço exigentes, mas possíveis?
- Empenhei-me para os cumprir, ou caía no esquecimento?
- Trouxe à partilha de cada reunião como vivi (ou não) o ponto de esforço proposto na reunião anterior?
- Serviu para aplicar os conhecimentos que ganhei ao debater algum dos temas?

Relação com o Movimento

“De forma especial, queria que este mandato de Cristo -“Ide” - ressoasse em vocês, jovens da Igreja (...). O mundo precisa de Cristo! Paulo exclama: «Ai de mim se eu não pregar o evangelho!» (1Co 9,16). (...) Agora este anúncio é confiado também a vocês, para que ressoe

com uma força renovada. A Igreja precisa de vocês, do entusiasmo, da criatividade e da alegria que lhes caracterizam! Sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outro jovem!" (Papa Francisco, Missa de Envio JMJ Rio, 2013)

- Ao longo do ano lembrei-me que as equipas são mais do que a minha equipa base?
- Fiz por participar nas atividades do setor, nacionais e internacionais?
- Acompanho mensalmente a Partilha?
- Desafiei a minha equipa a participar? Ao ser um equipista estou consciente de que este é um caminho de viver a Fé em igreja?

Proposta de Ponto de Esforço

Sabendo que o período de verão corresponde a quase dois meses sem estar em equipa, convidamos-vos a ir de férias com Deus e não também de Deus;

- Porque não procurando estar pelo menos uma vez todos juntos, para assim fortalecer laços de amizade?
- Ou cultivando uma leitura espiritual, ou seja, ler um livro que aprofunde alguns temas da fé (ex.: uma carta do Papa para os jovens, o Evangelho do dia, livro da vida de um santo, etc.
- Rezar a proposta das EJNS durante as férias.

Oração final

“Maria,
Aqui estamos para renovar o nosso
compromisso
Relembrando o Sim que te demos
Como equipistas e como Equipa.
Seja a **oração** a nossa força,
O **tema** o nosso saber,
A **partilha** a amizade,
O **ponto esforço** o nosso crescer.

Faz-nos caminhar sempre mais na fé
E ajuda-nos a testemunhar o Teu amor,
Aos que renovam hoje o seu
compromisso
Ámen.”





NOTAS



Orações

"A oração em equipa é um esforço de comunhão da equipa e a manifestação da sua união com a Igreja. Tem a sua fonte na meditação da Palavra de Deus."

(Carta Internacional, IV-1a)

Invocação ao Espírito Santo

Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do Vosso amor.
Enviái, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será
criado,
e renovareis a face da terra.
Oremos:

Ó Deus,
que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos retamente todas as coisas
e gozemos sempre da sua consolação.
Por nosso Senhor Jesus Cristo,
na unidade do Espírito Santo. *Ámen.*

Glória ao Pai

Glória ao Pai e ao Filho
e ao Espírito Santo,
como era no princípio,
agora e sempre. *Ámen.*



Salve-Rainha

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia,
vida, doçura, e esperança nossa, salve.

A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva,
a Vós suspiramos, gemendo e chorando,
neste vale de lágrimas.

Eia, pois, Advogada nossa,
esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei.
E depois deste desterro,
Mostrai-nos Jesus, Bendito Fruto do vosso
ventre.
Ó Clemente, ó Piedosa, ó Doce Virgem Maria.

Consagração a Nossa Senhora

Ó Senhora, minha, ó minha Mãe,
eu me ofereço todo(a) a vós,
e em prova da minha devoção para convosco,
Vos consagro neste dia e para sempre,
os meus olhos, os meus ouvidos,
a minha boca, o meu coração e inteiramente
todo o meu ser.

E porque assim sou vosso(a),
ó incomparável Mãe,
guardai-me e defendei-me como
propriedade vossa.

Lembraí-vos que vos pertenço, terna Mãe,
Senhora nossa.

Ah, guardai-me e defendei-me como coisa
própria vossa.

Apaixona-te

[Oração escrita pelo Servo de Deus, Pe Pedro Arrupe sj]

Não há nada mais prático
do que encontrar Deus;
ou seja, apaixonar-se por Ele
de um modo absoluto, até ao fim.

Aquilo pelo qual estás apaixonado
agarra a tua imaginação
e acaba por ir deixando a Sua marca em tudo.

Determinará
o que te faz sair da cama cada manhã,
o que fazes com as tuas tardes,
como passas os teus fins de semana,
o que lês,
o que conheces,
o que te faz sentir o coração desfeito,
e o que te faz transbordar da alegria e gratidão.

Apaixona-te! Permanece no Amor!
Tudo passará a ser diferente.

Oração pelos Amigos

[Oração escrita pelo Cardeal D. José Tolentino de Mendonça]

Obrigado, Senhor, pelos amigos que nos deste. Os amigos que nos fazem sentir amados sem porquê. Que têm o jeito especial de nos fazer sorrir. Que sabem tudo de nós, perguntando pouco. Que conhecem o segredo das pequenas coisas que nos deixam felizes. Obrigado, Senhor, por essas e esses, sem os quais, caminhar pela vida não seria o mesmo. Que nos aguentam quando o mundo parece um sítio incerto. Que nos incitam à coragem só com a sua presença. Que nos surpreendem, de propósito, porque acham mal tanta rotina. Que nos dão a ver um outro lado das coisas, um lado fantástico, diga-se.

Obrigado pelos amigos incondicionais. Que discordam de nós permanecendo connosco. Que esperam o tempo que for preciso. Que perdoam antes das desculpas. Essas e esses são os irmãos que escolhemos. Os que colocas a nosso lado para nos devolverem a luz aérea da alegria. Os que trazem, até nós, o imprevisível do teu coração, Senhor.

Oração dos Namorados

No meu coração, Senhor, nasceu o amor por uma pessoa que Vós conheceis e amais. Vós próprio a puseste no meu caminho e me apresentaste. Dou-Vos graças por este dom que me enche de profunda alegria, que me torna semelhante a Vós, que sois o amor, e que me ajuda a compreender o valor da vida que me destes. Ajuda-me, para que eu não desperdice esta riqueza que colocaste no meu coração. Mostra-me que o amor é dom e que não pode se misturar com nenhum egoísmo. Que o amor é puro e não pode confundir-se com qualquer baixaza. Que o amor é fecundo e deve a partir de hoje produzir uma nova maneira de viver entre nós. Eu vos peço, Senhor, por quem pensa em mim e por mim espera; por quem caminha ao meu lado. Torna-nos dignos um do outro. Ajuda-nos na nossa preparação para o Matrimónio, a fim de que, a partir de agora, as nossas almas dirijam os nossos pensamentos e os conduzam ao amor. Amén.

Nada me move

[Oração escrita por Santa Teresa d'Ávila]

Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa.

Só Deus não passa.

A paciência, tudo alcança.

Quem a Deus tem, nada lhe falta, pois só Deus basta.

Senhor, abre os meus sentidos

Senhor, abre os meus lábios,

E a minha boca anunciará o Teu louvor,

Senhor, abre os meus olhos,

E verei a Tua obra e as necessidades das pessoas.

Senhor, abre os meus ouvidos,
E escutarei a Tua palavra e o clamor dos pobres.

Senhor, abre o meu nariz,
E distinguirei o que está vivo do que está morto.
Senhor, abre o meu entendimento,
e Te escutarei e compreenderei a Tua palavra.

Senhor, abre o meu coração,
E Te darei espaço para Te procurar
E encontrar em todas as coisas.

Senhor, abre as minhas mãos,
E Te receberei e Te entregarei
À humanidade com alegria.
Ámen

Este dia foi-me oferecido pelas Tuas mãos

[Antiga oração do peregrino]

Deus, este dia
E tudo o que ele venha a trazer,
Foi-me oferecido pelas Tuas mãos.
Tu és o caminho, a verdade e a vida.
Tu és o caminho: quero percorrê-lo
Tu és a verdade: quero vê-la
Tu és a vida: que venha sobre mim.
Sofrimento e frio,
Felicidade e satisfação,
Tudo é bom,
Tal como acontece.
Que eu seja piedoso.
Em teu nome começo. Ámen

Procurar-Te é amar-Te

[Oração escrita por Santo Agostinho]

Meu Deus,

Afastar-me de Ti é cair,
Voltar para Ti é levantar-me,
Permanecer em Ti é construir em terra firme.

Afastar-me de Ti é morrer,
Voltar para Ti é ressuscitar,
Habitar em Ti é viver.

Ninguém Te perde, sem ser enganado,
Ninguém Te procura, sem ser chamado,
Ninguém Te encontra, sem ser purificado.

Deixar-Te é perder-me,
Procurar-Te é amar-Te,
Ver-Te é ter-Te.

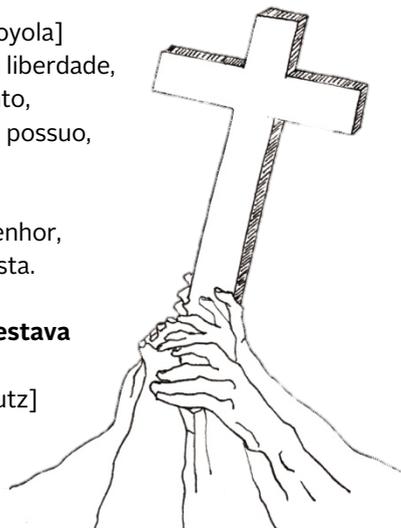
A fé leva-nos a Ti,
A esperança conduz-nos a Ti,
O amor une-nos a Ti. Ámen

Oração do Oferecimento

[Oração escrita por Santo Inácio de Loyola]
Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade,
a minha memória e o meu entendimento,
Toda a minha vontade e tudo o que eu possuo,
Vós mo destes, a vós o restituo
Tudo é Vosso disponde,
Pela Vossa vontade, dai-me apenas, Senhor,
O Vosso amor e graça, que isso me basta.

Tu estavas perto de mim quando eu estava longe de Ti

[Oração escrita pelo Irmão Roger Schutz]
Jesus Cristo, Amor de todo o amor,
Estiveste sempre comigo
E eu não sabia.



Estavas lá e eu esqueci-Te.
Estavas no fundo do meu coração
E eu noutros sítios te procurei.
Quando estava longe de Ti,
Tu esperaste por mim.
Chegou o dia em que Te posso dizer:
Ressuscitado, és a minha vida.
A Cristo pertenço,
De Cristo provenho. Ámen

Sopra sobre mim, Espírito Santo

[Oração escrita por Santo Agostinho]

Sopra sobre mim, Espírito Santo,
Para que eu pense em santidade.
Empurra-me, Espírito Santo,
Para que eu aja em santidade.
Seduz-me, Espírito Santo,
Para que eu ame a santidade.
Fortalece-me, Espírito Santo,
Para que eu guarde a santidade.
Guarda-me, Espírito Santo,
Para que eu nunca perca a santidade.

Sois a alma da minha Alma

[Oração escrita pelo Padre Kentenich, adaptação de uma oração do
Cardeal Désiré Mercier]

Espírito Santo, sois a alma da minha alma.
Eu adoro-Vos humildemente.

Ilumina-me, fortalecei-me, conduzi-me, consolai-me.
Revelai-me os Vossos desejos
Se isso fizer parte do plano do Eterno Deus Pai.
Fazei com que eu reconheça o que o Amor Eterno deseja de mim.
Fazei com que eu reconheça o que devo fazer.

Fazei com que eu reconheça o que devo sofrer.
Fazei com que eu reconheça o que devo aceitar, carregar e suportar.

Sim, Espírito Santo, fazei que a Vossa vontade seja a minha
E fazei que eu reconheça a vontade do Pai.
Porque a minha vida não é mais do que um duradoiro e contínuo “Sim”
à vontade do Eterno Deus Pai. Ámen.

Mãe, Tu permaneceste fiel

[Oração escrita pelo Papa Bento XVI]

Santa Maria, Mãe do Senhor,

Tu permaneceste fiel quando os discípulos fugiram.

Assim como acreditaste quando o Anjo Te anunciou o inacreditável,
Mãe do altíssimo, assim acreditaste na hora da Sua mais profunda
humilhação.

Assim, na hora da Cruz, na hora da noite mais escura do mundo, Te
tornaste na Mãe dos crentes, na Mãe da Igreja.

Te pedimos: ensina-nos a acreditar e ajuda-nos a transformar a fé em
coragem para servir e na acção do amor que ajude e se compadece.
Ámen.

Oração para pedir sabedoria

[Oração escrita por Friedrich Christoph
Oetinger]

Senhor, dá-me o poder de fazer as coisas que
eu posso mudar.

Dá-me a serenidade de aceitar as coisas que
não posso mudar.

E dá-me a sabedoria para discernir entre umas
e outras. Ámen.



Oração pelos Estudos

Dai-me, Senhor,
Agudeza para entender,
Capacidade para reter,
Método e facilidade para aprender,
Subtileza para interpretar,
Graça e abundância para falar.
Dai-me, Senhor,
Acerto ao começar,
Direção ao progredir e perfeição ao concluir.
Âmen.

Lembraí-vos

[Oração escrita por São Bernardo de Claraval]

Lembraí-Vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência, e reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado eu, pois, de igual confiança, a Vós, Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de Vós me valho e, gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro aos Vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo. Âmen.

Oração de São Francisco de Assis

Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão
Onde houver discórdia, que eu leve a união
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé
Onde houver erro, que eu leve a verdade
Onde houver desespero, que eu leve a esperança
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Senhor Jesus, fazei com que eu procure mais
consolar que ser consolado;

compreender que ser compreendido
amar do que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
é perdendo que se é perdoado,
e é morrendo que se nasce para a vida eterna.

Oração de São Tomás de Aquino

Deus eterno e todo-poderoso, eis que me aproximo do sacramento do vosso Filho único, Nosso Senhor Jesus Cristo. Impuro, venho à fonte da misericórdia; cego, à luz da eterna claridade; pobre e indigente, ao Senhor do céu e da terra. Imploro, pois, a abundância da vossa liberalidade, para que Vos digneis curar a minha fraqueza, lavar as minhas manchas, iluminar a minha cegueira, enriquecer a minha pobreza, vestir a minha nudez.

Que eu receba o Pão dos Anjos, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores, com o respeito e a humildade, a contrição e a devoção, a pureza e a fé, o propósito e a intenção que convêm à salvação da minha alma.

Dai-me que receba não só o sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, mas também o seu efeito e a sua força. Ó Deus de mansidão, fazei-me acolher com tais disposições o Corpo que o vosso Filho único, Nosso Senhor Jesus Cristo, recebeu da Virgem Maria, que seja incorporado ao seu Corpo Místico e contado entre os seus membros. Ó Pai cheio de amor, fazei que, recebendo agora o vosso Filho sob o véu do sacramento, possa na eternidade contemplá-la face a face. Vós, que viveis e reinais na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Ámen.

Oração escrita pelo Padre Henry Caffarel, fundador das ENS

Ó Tu que estás em mim...

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
deixa-me ir ter contigo
no fundo do meu ser.

Ó tu que estás em mim no fundo do meu ser
adoro-Te, meu Deus

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

Louvado sejas Tu

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

entrego-me ao teu amor

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

guarda-me de todo o mal

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

que surja a tua alegria

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

faz-me viver de Ti

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

eu quero o que Tu queres

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

reúne o universo

no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser

glória ao teu santo Nome

no fundo do meu ser.



Agradecimentos

“Faz parte da nossa passagem pelas E.J.N.S. assumirmos responsabilidades, pois são elas que nos fazem crescer na Fé e põem em prática os talentos que Deus nos deu” (Lc 19, 11-27)

Documento Nacional das EJNS

As Equipas de Jovens de Nossa Senhora agradecem a todos os que de alguma forma estiveram envolvidos na execução deste novo Caderno de Pilotagem, que já há alguns anos foi sendo sonhado.

Concretamente, agradecemos à Francisca Lopes Pinto, ao António Guedes, à Margarida Montanha Rebelo, à Teresa Folhadela, à Maria Inês Serrazina e ao Casal Inês e João Fonseca, redatores dos temas deste caderno e que nos lembram que as EJNS são para sempre, bem como, a tantos outros equipistas e amigos das EJNS que ao longo dos anos foram escrevendo temas para os cadernos e dos quais fizemos uso neste.

Agradecemos também à Teresa Sousa Pinto que coordenou a parte gráfica deste caderno, assim como a todos os equipistas dos vários sectores que estiveram envolvidos nas ilustrações, que nos ajudam a rezar através da Arte: ao Leonardo Abreu Lima, à Carmo Sousa Pinto, à Rita Silveira Machado, à Marta Vaz Silva, ao Manel Ferreira do Amaral, à Marta Alvim, à Catarina Archer e ao Duarte Figueiredo, bem como, a todos os outros que foram ao longo dos últimos anos ilustrando cadernos de temas, e dos quais recordamos aqui algumas ilustrações.

Por fim, agradecemos aos sacerdotes das EJNS que também estiveram envolvidos na revisão do caderno, ao Pe Duarte Andrade e Sousa, ao Pe Bernardo Trocado, ao Pe Valter Malaquias e Pe Hugo Gonçalves. Ao casal Carmo e Luís Virtuoso, ao António Brandão de Vasconcelos, bem como a todos aqueles que nos foram dando o seu feedback e que com a sua experiência e amor às EJNS também não deixaram de nos ajudar.

Foi com sentido de serviço a cada equipista e ao Movimento que cada uma destas pessoas trabalhou para construir este caderno e por isso estamos muito agradecidos.

Secretariado Nacional 2019-2021

Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor *
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva: *
De hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as
gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: *
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração *
Sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço *
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos *
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens *
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, *
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais, *
A Abraão e à sua descendência para sempre

Glória ao Pai e ao Filho *
E ao Espírito Santo,
Como era no princípio, *
Agora e sempre. Amen.

